

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA DOS SANTOS

**A CLÍNICA GESTÁLTICA E O ATENDIMENTO DE PESSOAS NEGRAS:
UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA E DO
PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO**

GOIÂNIA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Bruna dos Santos

Título do trabalho: **A clínica gestáltica e o atendimento de pessoas negras: uma compreensão a partir da realidade brasileira e do processo psicoterapêutico**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 14/04/2022, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **BRUNA DOS SANTOS, Discente**, em 18/04/2022, às 11:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2835896** e o código CRC **A7DE3E8E**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BRUNA DOS SANTOS

**A CLÍNICA GESTÁLTICA E O ATENDIMENTO DE PESSOAS NEGRAS:
UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA E DO
PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com ênfase em Processos Clínicos, na Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Educação, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Priscilla Melo Ribeiro de Lima.

GOIÂNIA

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Bruna dos
A CLÍNICA GESTÁLTICA E O ATENDIMENTO DE PESSOAS
NEGRAS [manuscrito] : UMA COMPREENSÃO A PARTIR DA
REALIDADE BRASILEIRA E DO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO /
Bruna dos Santos. - 2022.
69 f.

Orientador: Profa. Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), , Goiânia, 2022.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

1. Psicologia. 2. Racismo. 3. Gestalt-terapia. 4. Entrevistas. 5.
Interseccionalidade. I. Lima, Priscilla Melo Ribeiro de, orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 11 dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**A clínica gestáltica e o atendimento de pessoas negras: uma compreensão a partir da realidade brasileira e do processo psicoterapêutico**”, de autoria de Bruna dos Santos, do curso de Psicologia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima (orientadora - FE/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Ms. Jociane Sobreira Lessa. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Melo Ribeiro De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 11/04/2022, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOCIANE SOBREIRA LESSA, Usuário Externo**, em 27/04/2022, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2826794** e o código CRC **460F3761**.

Agradecimentos

Não teria como iniciar esses agradecimentos sem começar primeiro pela minha mãe, Lucia. Dedico a ti todo o meu tornar psicóloga, sempre foi por ti e para ti. Obrigada por ter cuidado de mim nesses 25 anos, e nunca ter deixado de acreditar que eu conseguiria realizar esse sonho. Obrigada por toda dedicação e todo esforço, sei que não foi fácil criar uma filha sozinha numa sociedade como a nossa, e com a falta de recursos que tivemos. Mas é isso, mãe! Você conseguiu e eu também! Obrigada, essa graduação é nossa, sempre foi!

Agradeço a todos os meus amigos que estiveram juntos nessa caminhada, mas aqui agradeço especialmente a Natalia e Sarah, companheiras de curso e agora de profissão, sem elas não teria conseguido terminar este caminho. Obrigada pelo companheirismo, pelo afeto, pelos risos e choros, pelas trocas e construções, vocês tornaram este caminho muito mais ameno e possível, obrigada por terem se tornado família!

Agradeço a Mylena, pelo cuidado, carinho e muita paciência nesta última etapa do curso, você sabe o que significa pra mim, muito obrigada!

Agradeço também a Andressa, pelo olhar carinhoso e afetuoso, por ter me ajudado a construir caminhos de possibilidades nesses últimos dois anos, eu não conseguiria sem você, e serei eternamente grata!

Meus agradecimentos também à minha orientadora Priscilla que me ajudou a resgatar um olhar do possível dentro da psicologia e me acolheu em todos os meus processos que atravessam o fazer acadêmico. Obrigada também por todo o incentivo, presença e paciência! Seu olhar enquanto orientadora sempre me atravessou de maneira serena e calma, o que me permitiu construir um caminho de maior confiança na escrita, e me expor a algo tão desafiador. Obrigada!

Agradeço também a professora Celana, por ter apresentado uma abordagem mais possível dentro dos meus desencontros com a psicologia. Agradeço por todo o aprendizado, trocas, puxadas de orelha e principalmente pela confiança que teve em mim enquanto eu construía o meu caminho no atendimento clínico.

Agradeço imensamente a Jociane Lessa, não só por ter aceitado o convite para fazer parte da banca, mas por ter sido inspiração e referência nesses anos de faculdade, você foi muito importante na minha construção enquanto profissional.

Resumo

Este trabalho de conclusão do curso de psicologia que segue a um fazer qualitativo tem como objetivo investigar a clínica gestáltica como campo de possibilidades para pessoas negras. Para isto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatro participantes, sendo dois psicólogos que usam a Gestalt-terapia como abordagem, e dois clientes que são atendidos por psicólogos que usam a Gestalt-terapia. Para análise das entrevistas foi utilizado o método de Giorgi e Oliveira, e além disto também foi realizada uma discussão teórica acerca das relações raciais em solo brasileiro. Ao longo do trabalho se discute o como o racismo atravessa as vivências de pessoas negras de maneira ampla, silenciosa e sofisticada, e o como isso aparece na clínica psicológica de diversas maneiras, sejam elas explicitamente ou implicitamente. Através das falas dos participantes percebemos a importância de se questionar o próprio lugar enquanto psicólogo dentro do atendimento, além da própria teoria como um todo. Vimos as diferenças e especificidades que ser ou atender um corpo negro na clínica aparece, e com isso a importância de não desvalidar todo o contexto histórico e social que atravessa essas pessoas.

Palavras-chaves: Psicologia; Racismo; Gestalt-terapia; Entrevistas; Interseccionalidade.

Abstract

This conclusion work for the psychology course, which follows a qualitative approach, aims to investigate the gestalt clinic as a field of possibilities for black people. For this, semi-structured interviews were carried out with four participants, two psychologists who use Gestalt-therapy as an approach, and two clients who are assisted by psychologists who use Gestalt-therapy. For the analysis of the interviews, the method of Giorgi and Oliveira was used, and, in addition, a theoretical discussion about racial relations on Brazilian soil was also carried out. Throughout the work, it is discussed how racism crosses the experiences of black people in a broad, silent and sophisticated way, and how it appears in the psychological clinic in different ways, whether explicitly or implicitly. Through the speeches of the participants, we realized the importance of questioning one's place as a psychologist within the service, in addition to the theory itself as a whole. We saw the differences and specificities that being or attending to a black body in the clinic appears, and with that the importance of not devaluing the entire historical and social context that crosses these people.

Keywords: Psychology; Racism; Gestalt therapy; Interviews; Intersectionality.

Sumário

Resumo	7
Abstract	8
Considerações Iniciais	10
CAPÍTULO 1	15
Realidade social brasileira e o racismo como norma	15
1.1 Desigualdade social e o racismo no Brasil	15
1.2 Democracia racial e a sofisticação do racismo brasileiro	17
1.2 Psicologia e Gestalt-Terapia frente às questões raciais	20
CAPÍTULO 2	22
Gestalt-Terapia	22
2.1 Bases filosóficas da Gestalt-terapia	22
2.1.1 Existencialismo	22
2.1.2 Humanismo	23
2.1.3 Fenomenologia.....	24
2.2. Bases teóricas da Gestalt-terapia	25
2.2.1 Psicologia da Gestalt.....	25
2.2.2 Teoria de Campo.....	25
2.2.3 Teoria Organísmica.....	27
2.3. Principais conceitos	27
2.3.1 Contato.....	27
2.3.2 Awareness	29
2.3.3 Figura-Fundo.....	30
2.3.4 Ajustamento Criativo	31
2.3.5 Aqui-Agora	31
2.3.6 Mudança Paradoxal.....	32
2.4. Psicoterapia em Gestalt-terapia.....	32
CAPÍTULO 3	35
Percurso metodológico	35
3.1 A pesquisa	35
3.2 Participantes	35
3.3 Instrumentos.....	35
3.4 Procedimentos.....	36
3.5 Análise dos dados e resultados	36
3.6 Cuidados Éticos	38
CAPÍTULO 4	40
Resultados e Discussões	40
4.1 Identificação e o ser negro dentro do processo psicoterapêutico	40
4.2 O lugar do psicólogo Gestalt- terapeuta e o fazer clínico frente às questões raciais	44
4.3 O gestalt-terapeuta frente às possibilidades e limitações da teoria e atuação	48
Considerações Finais	53
Referências	56
Anexo A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	60
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	67

Considerações Iniciais

Este trabalho surge de uma angústia. Angústia pelos não lugares dentro da faculdade e da falta de reconhecimento e identificação, da dificuldade e da insegurança da escrita, de tornar em palavras os muitos pensamentos. Pensamentos estes atravessados pelas sombras do não adequado e do insuficiente. Este trabalho nasceu da angústia de ver outros sofrendo em suas dores, sem que se sentissem validados ou acolhidos dentro de um consultório de Psicologia, e daqueles que nem ao menos conseguem considerar a possibilidade deste cuidado. Este trabalho também nasce da possibilidade e da tentativa do encontro com uma abordagem e da tentativa de ampliar esse olhar para o mundo, para as pessoas e para sociedade em que seria possível atrelar esse encontro com o real social.

Este trabalho não tem a pretensão de dar conta de resolver todas as questões que surgiram, mas buscou tentar construir caminhos, através da aproximação e da escuta direta com aqueles que doaram um pouco da própria experiência, seja enquanto psicólogos ou clientes. Assim sendo, este trabalho teve como objetivo investigar como a clínica gestáltica pode ser campo de possibilidades para pessoas negras. Considerando que essa investigação é muito importante para se ter um melhor panorama do que psicólogos e gestalt-terapeutas podem fazer para, pelo menos, minimizar os efeitos de uma prática construída dentro de uma realidade excludente, vislumbrando possibilidade de mudanças. E assim, que se tenha um melhor atendimento para com os clientes negros, e construindo uma clínica mais acessível, consciente, acolhedora e potente.

O caminho aqui trilhado, através das escutas dos participantes, se mostrou muito rico e produtivo para o que nos propusemos a investigar, através das experiências contadas, pudemos perceber diversos entrelaces importantes. Vale ressaltar que, este trabalho não está comprometido com uma suposta ideia de neutralidade científica, muitas vezes defendida por algumas áreas do saber. Este trabalho parte desde o princípio buscando um comprometimento ético e político com o que se investiga, e tentando entender todos os atravessamentos que cercam os debates aqui colocados. Ainda acerca da forma de olhar e vivenciar nossa pesquisa, ressaltamos que os fenômenos aqui colocados também são vistos pela ótica do olhar interseccional, considerando que a “interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p.14), e, assim sendo, nossa escuta e análise buscaram compreender as diversas construções que atravessam existências.

Além disso, também esclarecemos que iremos usar o termo “negro” entendendo-o

como uma forma de englobar todas as pessoas que se identificam tanto enquanto negros, pretos e/ou pardos. Entendemos que se tem um grande debate acerca do que seria certo ou errado nessa terminologia, contudo não é nosso objetivo entrar nessa discussão, assim sendo acolhemos todas as formas com que as pessoas possam se identificar. Isto aparece presente até mesmo nas falas dos participantes, considerando que todos eles se identificam com uma terminologia diferente, mas todos estão sob o mesmo fundo existencial que investigamos. Por fim, acreditamos que se faz necessário darmos um panorama contextual da sociedade brasileira e seus atravessamentos construídos historicamente, politicamente e socialmente.

Se faz importante entender que as desigualdades sociais, no Brasil, estão ligadas com a forma como a sociedade tenta manter seu *status quo* em pleno funcionamento, o que leva as minorias sociais a sofrerem diversos tipos de violências. Tais violências envolvem desde as questões básicas como dificuldade de acesso à saúde e emprego, alimentação digna e de qualidade, como também as diferenças de tratamento da Justiça em relação às pessoas negras e brancas, por exemplo. Carneiro (2011, p. 53) afirma que a “pobreza tem cor no Brasil”, ou seja, as questões de raça e pobreza estão interligadas. Negros e brancos ocupam lugares diferentes nessa sociedade. A sociedade brasileira tem uma visão colonizada, e tende a reduzir os problemas sociais e políticos às questões econômicas, ou seja, existe uma tentativa de dizer que o problema no país são apenas as questões de classe econômica, e não incluem as questões raciais que colocam brancos e negros em posições distintas e hierarquizadas (MUNANGA, 2010).

Mesmo sabendo do perigo deste reducionismo, é importante pensar nas questões de classe. Contudo, com um olhar expansivo para entender que existem fatores muito anteriores à materialização propriamente dita do dinheiro e do todo econômico. Muito antes desse fator, se tem o contexto em que as pessoas estão inseridas, aos quais de um lado, as classes médias e altas, possuem acesso a diversas formas de um capital cultural, que os preparam para manter essa herança recebida de maneira não só intelectual, como também afetiva e emocional. E, do outro lado, em contraste com essa realidade, se tem a parte da população de classe baixa, menos favorecida que não tem acesso e recebe poucos recursos. Ainda assim, de alguma maneira, estes precisam concorrer como se estivessem em pé de igualdade com esse outro lado da população (SOUZA, 2009; 2021).

Anteriormente ao contexto atual de existência das pessoas, precisamos refletir e analisar acerca do processo histórico de construção da sociedade brasileira, que é fundamentada dentro de um contexto não igualitário. É nesse contexto de desigualdade social que, no Brasil, a população negra tem sua existência lançada, de maneira estratégica, em direção à rejeição e ao

aniquilamento de sua existência. Para Souza (2009), é preciso admitir as formas modernas e simbólicas que sustentam as violências e mantêm as desigualdades sociais no Brasil. Diante da realidade apresentada e analisada por Souza, podemos dizer que o Brasil é o país do silêncio, um silêncio de diversas vozes que gritam de diversas formas, e que têm suas vozes apagadas, negadas e desacreditadas. Possui, também, o silêncio daqueles a quem nem ao menos foi dado o direito de entender a sua própria existência e história. Essa construção do silêncio começa ainda nos primórdios da Modernidade quando, em uma suposta busca por liberdade, igualdade e fraternidade, instituiu-se o que era civilizado e o que era primitivo. E a partir disso, em um movimento de levar a "civilização" para onde não se tinha, diversos povos não-brancos foram massacrados. A isso deu-se o nome de "colonialismo" (ALMEIDA, 2020, p. 27).

Compreendemos a partir de Cesarie (1978) que a colonização está ligada com processos de desumanização, morte, assassinatos, coisificação, violências, abusos etc. Ou seja, olhar para a colonização, e saber que foi a partir desse movimento que se deu a "descoberta" e "construção" do país, é esperar uma história marcada por diversos sangramentos reais e metafóricos que atingiram determinadas populações. É importante também ressaltar o papel que a Igreja Católica teve dentro desse contexto. Dentro de um panorama geral, o colonialismo e a escravização estão também ligados ao discurso religioso, uma vez que foi a partir da Igreja que se embasou a definição do que era selvagem e do que não era. Tendo como base esse olhar construído pela Igreja, os europeus agiram de forma a levar sua "salvação" para aqueles povos não-brancos das terras "descobertas". Primeiro em um movimento de tentar identificar se esses povos "descobertos" eram de fato humanos ou bestas. E depois, com a imposição do cristianismo como doutrina (MUNANGA, 2010). Assim sendo, em um processo de aniquilação autorizada e incentivada pela Igreja Católica, muita morte e destruição aconteceram através da invasão dos territórios pertencentes aos povos originários. Portanto, os resultados dos processos colonizadores foram a barbárie e o genocídio de diversos povos, e não o avanço civilizatório. E foi esse processo que aconteceu com a "descoberta" do Brasil, a partir de 1500, com os povos originários e com os sequestros de povos da África, escravizados por aqueles supostos libertadores da selvageria (CESARIE, 1978).

Outro aspecto importante a se debater dentro desse tema é o fator relacionado à ciência, no que diz respeito à sua responsabilidade do surgimento do racismo científico. Quando a ciência moderna passou a olhar para as questões dos povos "descobertos", foi introduzida a questão da raça em relação às classificações de humanos. Após anos de tentativa de realizar tais classificações, a ciência chegou à conclusão da inviabilidade em se pensar a "raça humana" em termos científicos. Porém, as consequências desses estudos já estavam instituídas na

sociedade, uma vez que o problema surgiu com esses estudos ditos científicos acerca da racialização das sociedades e de suas classificações dos grupos humanos a partir da ideia de superioridade e inferioridade. Sendo que o branco seria superior e com características boas, positivas e desejáveis, enquanto pessoas não brancas, eram tidas como ruins, inferiores, com características negativas e menos desejáveis na sociedade. E de maneira geral esse contexto se mantém até hoje na nossa sociedade, onde é frequente que se tenha a classificação, julgamento e exclusão de um indivíduo com base no grupo ao qual pertence (MUNANGA, 2010). Para percebermos isso, basta observar a forma como pessoas negras são tratadas nas lojas dos grandes centros comerciais, no transporte coletivo e nas ruas.

No que diz respeito à psicologia, esta possui um passado no qual infelizmente é marcado pelo endosso às práticas médicas patologizantes no que se refere a existência de pessoas negras. De acordo com Schucman e Martins (2017), esse histórico da psicologia e das questões raciais seria dado em três momentos, o primeiro no fim do século XIX e início do séc. XX, o segundo de 1930-1960 e o terceiro a partir de 1970. De acordo com os autores, no primeiro momento é quando se tem a biologização do negro e o tratamento enquanto objeto de estudo, além de uma aceitação e naturalização do racismo. O segundo momento, se caracterizou como “o pelo impacto da obra de Gilberto Freyre, em que o conceito de raça aparece como determinante cultural onde o racismo se justifica através da falsa ideia de hierarquias culturais” (SCHUCMAN; MARTINS, 2017, p. 175). Ou seja, durante esses dois primeiros momentos se tem o endossamento e autorização de fato do olhar desumanizador com essa população, uma vez que se tem não só a objetificação como a naturalização do racismo. Vale ressaltar também a discussão já realizada neste trabalho acerca da origem do termo raça, e toda a questão do racismo científico em volta deste assunto. No que se refere ao terceiro momento, é quando se tem uma alteração na forma de olhar para as questões raciais, e aí se tem uma psicologia que caminha dentro de um posicionamento mais consciente. Assim sendo, a partir dessa mudança que se tem o entendimento da raça enquanto construção, seus impactos acerca das desigualdades, além de debates que visam promoção de igualdade e políticas públicas, aproximação com o movimento negro e as lutas estabelecidas. e ampliação de pensamentos acerca do branco e seus privilégios (SCHUCMAN; MARTINS, 2017).

Diante disso, o que dizer então sobre a psicoterapia em gestalt-terapia pensando as questões raciais? Como lidar com um assunto que ao longo das formações não é falado, ou ouvido. Assim como Kilomba (2019) nos ensina que o racismo por vezes aparece como um segredo, um silêncio, e em termos gestálticos, o processo que o racismo resulta na vida das pessoas pode ser visto como uma gestalten aberta (ARRELIAS, 2020; SENA, 2021). Esta que

não se fecha, este segredo, o racismo, que faz parte do fundo existencial brasileiro, este que é negado, mascarado, este aparece e não aparece pois falta contato. Como ser então campo de possibilidades para pessoas negras?

CAPÍTULO 1

Realidade social brasileira e o racismo como norma

Antes de se pensar a interseção entre clínica psicológica, gestalt-terapia e o atendimento de pessoas negras/pretas/pardas, é importante pensar a contextualização histórica dessa população no país e a forma como sua existência é atravessada. Assim sendo, este capítulo abordará este tensionamento em forma de tópicos, para que a compreensão do mesmo seja dada de forma didática e acessível para com os leitores. Contudo, compreende-se que os fenômenos não são vistos de forma fragmentada e sim que acontecem de modo processual e intrínseco à realidade vivida.

1.1 Desigualdade social e o racismo no Brasil

Várias foram as formas de tentar apagar a história que cerca a colonização do nosso país. Talvez uma das mais expressivas foi a destruição, após a assinatura da Lei Áurea em 1888, de arquivos e documentos que continham os dados históricos do que aconteceu naquela época acerca da escravidão e do tráfico negreiro (NASCIMENTO, 2016). Outro aspecto diz da manipulação das informações da época, no que se refere por exemplo à libertação dos escravos, em 1888, contada como sendo uma atitude nobre e humanizadora da princesa Isabel para com essas populações escravizadas. A realidade histórica nos mostra uma outra versão, considerando que essa libertação foi conquistada a braços e suor a partir de resistências dos próprios escravizados, que resistiram de inúmeras maneiras ao contexto escravista (LEITE, 2017). É importante ressaltar as resistências dos negros escravizados, que por muitas vezes perderam suas vidas na tentativa de lutar contra esse processo de sequestro que viviam. As resistências e rebeliões aconteceram desde o momento de trazer essa população pelo Atlântico, até a sua chegada e escravização brasileira, e assim “[...] As fugas, seguidas de formação de quilombos, [são] os maiores símbolos da resistência escrava no Brasil” (LEITE, 2017, p. 67)

Um outro fator que chama atenção dentro de todo esse contexto apresentado é de que o processo de abolição no Brasil demorou muito mais tempo quando comparado com outros países que mantinham essa forma de exploração – o que já diz de uma maquiagem do ato libertador da Lei Áurea –, essa estratégia de libertação não foi nem um pouco humanizadora. Aos negros libertados não se ofereceu de fatos ditos direitos humanos para sua sobrevivência, “[...] os sonhos de liberdade transformaram-se muitas vezes em pesadelo. Tendo que enfrentar muitas condições adversas, os libertos não tardaram a entender que sua luta não chega ao fim” (LEITE, 2017, p.74). E apesar desta realidade, percebe-se que ainda assim, em tempos atuais

o olhar para com esse momento da história é vista com um olhar de benfeitoria para com os brancos, na pessoa de princesa Isabel.

Outro processo também importante analisar é sobre como a história brasileira é contada e quais os grupos de poder que se ocupam desta fala. O poder da fala é um fator importante, assim sendo, olhar para quem conta a história e a quem a história serve seus interesses, pode ser algo indispensável para compreender profundamente diversas questões sociais. Aprendemos com Benjamin (1987) que a história é contada por aqueles que estão no poder e, portanto, estes são os vitoriosos. A grande questão aqui é justamente essa relação que se tem entre, as histórias contadas e os vitoriosos, uma vez que, a história sendo contada por essas pessoas, irá sempre às favorecer. De acordo com esse processo, quando se pensa a história dos povos negros por vezes é contada por brancos, essa história portanto poderá beneficiar essa elite, uma vez que os brancos seriam os vitoriosos. Ou seja, o poder de fala incide em diversos fatores, seja a forma como o assunto é visto, qual o lado tomado sobre o que é contado, quem é visto como bom ou mau etc. Assim sendo, talvez um movimento importante se dá no que diz respeito a se observar quem são as pessoas que escrevem as diversas histórias e quais os interesses por trás daquele relato.

Ao longo de toda a história brasileira, podemos perceber diversas formas dentro da sociedade para mascarar a cruel realidade que cerca as existências de pessoas negras e também povos originários. Os negros no Brasil possuem sua existência traçada desde esse processo de colonização em que, durante mais de 3 séculos, foram tratados não como humanos, mas como qualquer outra coisa não digna de humanidade. Para Souza (2021, p. 7), “o racismo racial é o elemento central da sociedade brasileira moderna e o grande responsável pelo atraso moral, social e político do Brasil”. O autor defende, ainda, o racismo como sendo elemento fundante da sociedade brasileira, dizendo também sobre a confusão que se dá em relação ao reconhecimento desse movimento, uma vez que o racismo tem o poder de assumir diversas máscaras para se manter atuante. Para Kabengele Munanga:

O fenômeno chamado de racismo tem uma grande complexidade, além de ser muito dinâmico no tempo e no espaço. Se ele é único em sua essência, em sua história, características e manifestações, ele é múltiplo e diversificado, daí a dificuldade para denota-lo, ora através de uma única definição, para através de uma única receita de combate (MUNANGA, 2010, p. 171).

Ou seja, falar de racismo não é simples, mas é necessário. E para além de falar somente como um conceito, é importante entender os processos em volta dessa questão. O racismo é um problema que está presente de maneira estrutural em toda sociedade e é o responsável por

perpetuar processos de exclusão, violência e apagamento desse grupo de pessoas. Compreendemos, a partir de Almeida (2020), que a realidade brasileira é estruturada por esse sistema de construção. Ou seja, ela é pautada por um olhar que coloca no lugar do natural, aceito e desejado, a pessoa branca, cis, hétero, homem, rica etc. em detrimento da exclusão e precariedade de existência de corpos não brancos. Para Almeida (2020, p. 32),

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminaram em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Almeida (2020) ainda destrincha a forma como o racismo está presente na sociedade a partir de três concepções: Individual, Institucional e Estrutural. A primeira concepção diz de um racismo que seria um fenômeno comportamental individual e que seria um ato de discriminação direta, além de ser tomado como uma patologia ou anormalidade. Acontece que essa é uma forma rasa de observar o fenômeno, o individualiza, dando espaço que pode levar para discursos moralistas, além de ser uma visão bastante reducionista, já que ignora todo um contexto histórico. Quanto à concepção Institucional, o racismo é articulado dentro de fato das instituições com o objetivo de manter o poder daqueles que já estão dentro desses lugares, além de dificultar o acesso de não-brancos a esses mesmos lugares. “Na visão institucionalista, o racismo não se separa de um projeto político e de condições socioeconômicas específicas” (ALMEIDA, 2021, p.41). Ou seja, essa forma de racismo está intimamente ligada às questões de dominação e manutenção do *status quo* de diferentes instituições. Já com a percepção estrutural, o pensamento abrange as outras duas concepções, uma vez que considera o racismo como estrutural levando em conta que a sociedade por si só é racista, logo, essa violência está de fato nas diversas estruturas da sociedade e assim se mantém.

1.2 Democracia racial e a sofisticação do racismo brasileiro

Para Souza (2021) é preciso entender o que o racismo destrói nas pessoas, e para isso é preciso a compreensão desse fenômeno da maneira como ele tem se apresentado na sociedade brasileira, e não só pontuar sua existência, uma vez que os processos de aniquilamento ainda se mantêm, usando outras máscaras e endossadas pela própria sociedade. Por isso, também, a importância de se falar sobre a história e aspectos da construção da sociedade brasileira. Contudo, até mesmo esse recurso, de conhecimento da própria história é impedido, para que assim não se tenha o rompimento do funcionamento da sociedade da forma como ela está dada.

Nascimento (2016) teoriza que a pessoa negra agir em direção a busca de conscientização dos seus processos de vida é visto como um ataque à própria sociedade brasileira, como se esse fato fosse o que uniria a população brasileira. Junto com esse movimento, Munanga (2015) ressalta como as políticas específicas também são vistas dentro desse paradigma de quebra dessa suposta identidade nacional que uniria o povo brasileiro. Ou seja, o racismo em contexto nacional é um sistema bem articulado, uma vez que nem sempre as coisas estão explícitas, as estratégias que são vistas são complexas, refinada que dificulta o oprimido de ter noção da opressão que sofre. E mesmo sabendo, é um processo difícil de viver e de escapar.

Um aspecto importante de se pensar que mantém as desigualdades e que tampam os olhos para as questões de preconceito e discriminação, e que serve de base justificatória para o argumento de identidade nacional, diz respeito ao mito da democracia racial, amplamente divulgado e aceito por diversas instâncias da sociedade brasileira. De acordo com Munanga (2006; 2015), esse mito foi estabelecido dentro de um suposto lugar de universalidade da identidade brasileira que considera o povo brasileiro como sendo fruto da mistura de povos, o que levaria a todas as pessoas a serem iguais. Essa mistura é a chamada miscigenação, que foi uma estratégia violenta de tentativa de erradicação dos povos negros a partir da exploração sexual de mulheres negras, em que se teria o clareamento da cor de pele no país. Isto significa que não foi somente uma violência contra as próprias mulheres negras, que já estavam escravizadas, mas também uma tentativa de desaparecimento do negro. E para além disso, houve estratégias políticas para que se proibissem a entrada de negros no país, com o objetivo de rompimento da sua reprodução e diminuição da população com traços não europeus (NASCIMENTO, 2016). Esse mito pressupõe que diante dessa miscigenação no Brasil não haveria preconceitos contra as pessoas negras, nem discriminação raciais e todos seriam tratados da mesma forma, já que todos pertenceriam a uma mesma identidade – a brasileira.

Contudo, essa não é a realidade, pelo contrário, compreendemos que essa foi mais uma estratégia que mantém o racismo presente na constituição da sociedade, não só por ser uma forma de não olhar para as próprias estruturas racistas, como também uma forma de negar as diferenças, e assim não construir estratégias de reparação. O racismo no Brasil é uma ferramenta que atua de diversas formas, com inúmeras máscaras, e com uma raiz tão forte que até mesmo a ideia de que os brasileiros seriam todos iguais ainda se mantém, mesmo após anos de discussão sobre o tema e mesmo que as diferenças sociais possam ser vistas no dia-a-dia. Assim sendo, para Souza (2021) o racismo racial entraria na cena brasileira como motivo central da desigualdade, violência e outras estruturas de opressão, e que nem sempre assume a

cara de uma atitude racista.

Portanto, compreendemos que a sociedade brasileira tem sua construção estruturada com base no colonialismo e no racismo. Esse processo se dá em um movimento duplo de naturalização em que de um lado, se naturaliza e normaliza a existência de pessoas brancas, e do outro naturaliza e normaliza o racismo (ARRELIAS, 2020). Dessa forma, um grupo possui uma representação simbólica (real ou não) de identidade naturalizada, valorizada e universalizada – o branco – que exerce um poder sobre aqueles que ocupam o lugar da diferença e que não têm sua existência legitimizada ou focalizada – o negro. Essa realidade foi construída desde a época da colonização, com seu ideal higienista que ainda é sustentado pela lógica racista do país (OLIVEIRA, 2008). E como dito por Almeida (2020), o processo de discriminação, quando combinado entre atitudes direta e indireta, leva a um movimento de estratificação que perpassa gerações, mantendo a estrutura social de dominação funcionando, tendo as demandas e as questões da população negra deixadas de lado.

A partir de Almeida (2020), compreendemos que o racismo é uma norma de funcionamento social que é aceita pela sociedade brasileira, sendo reproduzida de inúmeras formas, muitas vezes de maneiras intrínsecas à sociedade. Os comportamentos institucionalizados e individuais de racismo refletem a estrutura racista de nossa sociedade que, embora, não seja adequado ver o fenômeno de maneira individualizante, são importantes as responsabilizações de todos os âmbitos diante dessas discriminações. Melhor dizendo, partindo de um olhar para um todo, o racismo é uma estrutura que faz com que determinados grupos raciais sejam colocados nesse lugar de marginalização sistemática. E por isso, é importante as ações tanto de cunho institucional, quanto individual para se pensar mudanças políticas e sociais de combate ao racismo e de reestruturação social.

Uma ação pública que foi amplamente debatida até mesmo antes da sua implementação é sobre as ações afirmativas, que seria uma forma de diminuir as desigualdades sociais, uma vez que teria a inserção das minorias em espaços aos quais normalmente elas não teriam acesso. Contudo, essa questão ainda é polêmica no Brasil, considerando que ainda é vista como uma forma de promover a desunião da identidade brasileira, favorecendo determinadas pessoas. Foi somente a partir dos anos 2000 que políticas de combate ao racismo foram assimiladas pela sociedade brasileira, mas ainda assim com muita resistência e oposição. Um exemplo são as políticas de cotas, que apesar das polêmicas, se tornou uma realidade a partir da Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012) nela se estabelece a reserva de vagas para pretos, pardos, indígenas e deficientes em cargos públicos e instituições de ensino federais. E embora essa seja uma política que insere determinadas minorias em contextos mais privilegiados,

algumas questões são importantes de serem pensadas.

Souza (2021) alerta para o fato de que até mesmo dentro dessas políticas de inclusão, é preciso perceber a estrutura neoliberal por trás desses movimentos, considerando que essas políticas acabam sendo individuais, uma vez que não serão todas as pessoas das minorias contempladas por elas. Ou seja, tais políticas são importantes, mas é preciso enxergá-las de maneira crítica, para que pensamentos como a meritocracia não sejam tão difundidos dentro da sociedade. As políticas de inclusão permitem que somente uma pequena parte dessas minorias sociais tenham acesso à sociedade de uma forma diferente, com mais possibilidades. Mas é importante lembrar que essas pessoas incluídas não representam a realidade social, tão pouco representam as vozes das pessoas silenciadas.

1.2 Psicologia e Gestalt-Terapia frente às questões raciais

Considerando toda a realidade brasileira e a forma como foi sua construção, todos os aspectos apresentados também perpassam a Psicologia, seus campos de saberes e suas atuações. A Psicologia brasileira tradicional se desenvolveu com o olhar focado na vivência e experiência branca individual. A Gestalt-Terapia, pensada como uma teoria e uma técnica psicoterápica, se enquadra nessa estrutura, embora possua fundamentalmente um caráter subversivo (ARRELIAS, 2020) e pretenda um fazer divergente de outras abordagens. Como Veiga (2019) pontua, as opressões às quais minorias sociais sofrem são uma herança da colonização que atravessa e violenta de diversas formas. Em se tratando da clínica psicológica e considerando que a Psicologia é, historicamente, um espaço branco, com maioria de psicólogos brancos e atuações pautadas em teorias brancas, é importante questionar como a questão do racismo está presente nessa teoria.

É necessário que se busque uma Psicologia e uma Gestalt-Terapia que rompa com essa estrutura, questione sua própria posição, e acolha esse outro que carrega marcas da diferença e da exclusão desde antes do seu nascimento. Veiga (2019, p. 248) questiona: “Como tratar dos efeitos do racismo na subjetividade negra numa relação terapêutica em que a marca do terapeuta, ser branco, é o que legitima as violências ao ser preto do paciente? ”. Ou seja, como estar em uma relação terapêutica com uma pessoa que representa, de alguma forma, o lugar da opressão que oprime e violenta de inúmeras maneiras e em diversos aspectos as pessoas negras?

A Gestalt-Terapia acredita em uma visão de homem como um ser de potencialidades e possibilidades, que está sempre em relação. Assim sendo, considerando essa realidade da população negra que é atravessada pelo racismo e suas diversas formas de violência e considerando o fazer clínico, nos perguntamos se o espaço fundamentado pela Gestalt-Terapia

seria ou poderia ser um lugar de existência para essa população. Pensando nessa abordagem, e especificamente dentro da clínica psicológica, sabemos que é através da relação e vínculo terapêutico que se estabelece um lugar através do qual o cliente poderá lidar com suas demandas. Através do contato, do *entre* na fronteira de contato, terapeuta-cliente se relacionam, se encontram. E o psicoterapeuta, em uma posição de poder, irá incluir-se no campo do cliente através da alteridade (ARRELIAS, 2020; ALVIM, 2019). No entanto, essa é uma teoria que está atravessada por essa realidade brasileira em que o racismo é norma e não exceção, e o branco ocupa um lugar da neutralidade e naturalidade ao passo em que apenas negros e indígenas são, de fato, racializados e assim oprimidos. Por isso as discussões das relações raciais possuem impacto na tentativa de alterar o *status quo* de construção da sociedade brasileira estruturada no racismo. É urgente e fundamental investigar como a população negra lida com os atravessamentos dessa realidade, nos seus diversos campos, inclusive no que diz respeito à saúde psíquica. Compreendemos que estudar a intersecção entre questões raciais e atendimento psicológico é colocar em questionamento a forma como esse grupo de pessoas tem sido atendido, não só na clínica psicológica de uma forma geral, como também na própria abordagem da Gestalt-Terapia, de forma específica.

CAPÍTULO 2

Gestalt-Terapia

A Gestalt-terapia surge dentro do humanismo, em contrapartida ao behaviorismo e a psicanálise que eram fortes na época. O ano de 1951 é considerado o ano de surgimento da abordagem, com a publicação do “Gestalt-terapia” de Frederick Perls (1893-1970), Ralph Hefferline (1910-1974) e Paul Goodman (1911-1972). A Gestalt-terapia teve influência de William Reich, no que diz respeito ao fato de que Goodman e Fritz consideravam importante a ideia de autorregulação orgânica, proposta pelo autor, outra influência foi através de Otto Rank, primeiro a usar a expressão “Aqui e agora” (FRAZÃO, 2013).

Um nome também importante dentro da Gestalt-terapia é o de Laura Perls (1905-1990). Ela estudou os existencialistas, e conhecia muito das ideias da psicologia da Gestalt, além de ter voltado-se muito para as questões da percepção visual. Laura Perls, também desenvolveu trabalho com Kurt Goldstein (1878-1965), que foi um neurologista estudioso da percepção, o que o levou a ampliação das ideias da psicologia da Gestalt, formulando uma compreensão do organismo em sua totalidade, sendo assim, ele é considerado o criador da teoria orgânica. No Brasil, a Gestalt-terapia passou a ser conhecida nos inícios 1970, embora a primeira publicação só tenha saído em 1976, e a tradução do “Gestalt-terapia” de PHG, foi publicada somente em 1997 (FRAZÃO, 2013). De maneira breve é essa a origem da Gestalt-terapia, e a forma como ela chegou em território nacional.

2.1 Bases filosóficas da Gestalt-terapia

2.1.1 Existencialismo

O existencialismo surge e se desenvolve no contexto da primeira metade do séc 20, no período pós guerras, no qual se tem o questionamento do racionalismo, em voga até então, rejeitando toda e qualquer noção de homem fragmentado/universalizado. O existencialismo, não é só uma filosofia, mas sim um conjunto de pensamentos, que tem como centro o homem, o que é uma perspectiva inovadora, dado o contexto do seu surgimento. Segundo essa perspectiva, o homem é livre -ainda que limitado devido aos seus contextos sociais, geográficos, etc...- e responsável por suas escolhas, logo, responsável por sua existência. Ele irá escolher sua essência a cada momento, sendo sempre um ser de ação e do vir a ser (RIBEIRO, 2012; CARDOSO, 2013).

O existencialismo, se tornou mais conhecido a partir de Jean Paul Sartre, mas muitos

outros autores escreveram e pensaram sobre essa perspectiva, que traz em sua base essa volta para o homem, e com isso o resgate dos assuntos que perpassam a existência humana (ANDRADE; HOLANDA, 2019). No centro da teoria, a liberdade e angústia do existir ressoam colocando o homem como ser singular/individual e responsável, considerado em concretude no sentido de ser ele próprio um todo, não partes ou coisa, mas simplesmente ser, e ainda, ser de intenção, que se constitui no mundo através das relações, ao qual ele *se é sendo*.

Para os pensadores do existencialismo, o homem é o único ser que de fato existe, porque ele é em si existência (YONTEF, 1998), como também é em si o seu próprio projeto em construção. O homem, se constrói enquanto se projeta, ao mesmo tempo que é um todo se relacionando com o mundo. Portanto, o homem é esse constante projeto existencial complexo e em constante busca e construção de si mesmo e de sua essência, ao mesmo tempo que já é si mesmo, e por isso tudo se torna único e individual (RIBEIRO, 2012).

Considerando esses pressupostos de liberdade, escolhas, responsabilidade, o gestalt-terapeuta atua de maneira conjunta para auxiliar o cliente com seu projeto de vida, facilitando a integração de si mesmo, junto às suas potencialidades através da relação. Assim, a Gestalt-terapia é uma abordagem existencial, uma vez que atua considerando esses movimentos, entende ainda que o homem é o maior conhecedor de si mesmo, alcança através da ampliação da consciência e noção de presentificação dos afetos no aqui e agora tanto do passado quanto do futuro, ampliando a consciência de si mesmo no mundo.

2.1.2 *Humanismo*

O humanismo se destaca, por ir em direção oposta as correntes filosóficas mais estabelecidas, dentro dessa ciência que tinha como base os processos dicotômicos entre comportamentos e processos inconscientes. Com o humanismo, temos o homem no centro, ou seja, um homem transcendendo sua posição no mundo e indo em direção a si mesmo, em um processo constante de descobertas, e construções sendo ele mesmo é a própria medida. Também, é a partir do humanismo que o homem é visto em sua totalidade, não mais visto em perspectiva dicotômica. Dentro desta perspectiva o homem é ser de crescimento, sendo esse um crescimento não exterior, mas de crescimento em direção ao interior do seu ser, em direção a sua essência.

Com Ribeiro (2012) e Mendonça (2013) percebe-se que a Gestalt-terapia não só beberá da fonte do humanismo, como esta se torna uma das bases fundamentais desta abordagem. A Gestalt-terapia, se propõe a olhar para o homem como um ser inteiro -mesmo que por muitas vezes só revele sua partes - ao qual tem potencialidades de crescimento e autorregulação, sem

excluir ainda assim seus contextos e limitações. E, a partir do encontro terapêutico, esse homem caminha em direção a uma totalidade e integralidade do seu pensar, agir e expressar, em movimento constante de atualização.

2.1.3 Fenomenologia

A Fenomenologia, tem como criador Edmund Husserl (1859-1938) e se caracteriza como o estudo dos fenômenos, de tudo aquilo que se manifesta, sendo os fenômenos apreendidos de maneiras diferentes para indivíduos diferentes. Assim sendo, os fenômenos são anteriores aos saberes lógicos, e possuem natureza própria, considerando que não podem ser classificados ou engessados dentro de uma teoria dura. O que Husserl propõe, é que a fenomenologia seja um método filosófico, pensar fenomenologicamente é pensar em como determinado objeto/situação/contexto aparece para aquele ser humano. Portanto, o estudo fenomenológico parte do olhar dos fenômenos para o encontro das essências, para captar o sentido da coisa. Ou seja, de maneira geral, não irá interessar as características daquilo que está acontecendo, mas sim o como esse fato irá aparecer para determinada pessoa e será desse movimento que o conhecimento é gerado (ANDRADE; HOLANDA, 2019; GIOVANETTI, 2014).

Sendo a fenomenologia então um método, Husserl propõe duas operações para realização desse método, para se chegar então na essência dos fenômenos. Tem-se então, a “Redução psicológica ou redução eidética” que se refere a colocar em suspenso, em parêntese, todo aquele conhecimento que se possa ter sobre determinado fato/fenômeno. Uma vez que, o que interessa para o fenomenólogo não é o fato em si, mas o sentido do fato, o sentido que tem para aquela pessoa - representação do fato. E também se tem, a “Redução fenomenológica ou transcendental” que diz sobre a busca por compreender quem é o sujeito que elabora o sentido - para Husserl o sujeito universal, aquilo que se tem em comum nas estruturas dos sujeitos, é o sujeito puro/sujeito transcendental (GIOVANETTI, 2014).

De maneira mais específica, a “Redução fenomenológica” é a mudança da atitude natural para a atitude fenomenológica. A atitude natural, é tomar o mundo e as coisas da maneira como elas estão dadas, sem ter consciência da relação que tenho com aquele objeto/situação/contexto. A atitude fenomenológica, é justamente o contrário disso, é captar o significado do que determinado objeto tem para mim (ANDRADE; HOLANDA, 2019; GIOVANETTI, 2014). Ou seja, com essa postura, o psicoterapeuta irá conseguir alcançar o significado real daquele fenômeno para o cliente, deixando de lado os deverias que o cliente carrega consigo, e entendendo verdadeiramente o movimento existencial do cliente.

Para Giovanetti (2014) uma psicoterapia de base fenomenológica possui uma base antropológica, uma vez que ela coloca o ser humano em sua totalidade (corpo + psíquico + espiritual) no centro junto com todas as suas questões, e não o seu psiquismo ou suas questões psicológicas -é de fato uma clínica da pessoa. Uma consequência forte desse movimento, é que a relação ali estabelecida entre terapeuta e cliente se torna potente, se desenvolvendo a partir de uma perspectiva dialógica. Também, se tem a perspectiva de tratar o homem doente, e não a doença ou o sintoma, além de se ter a questão da não redução da pessoa a determinado rótulo ou conceito, levando em conta seu contexto social e cultural (GIOVANETTI, 2014). Em síntese, assim como diz Ribeiro (2012, p.74) “A fenomenologia é uma tentativa de clarificação da experiência humana” e será através dela que o psicoterapeuta terá sua forma de ação.

2.2. Bases teóricas da Gestalt-terapia

2.2.1 Psicologia da Gestalt

A Psicologia da Gestalt, foi um marco revolucionário que rompe com o fazer positivista e se volta a pensar de maneira total, sem separar o que é interior e exterior. Compreende também, que a soma das partes não é igual ao todo, e que o homem, ao entrar em contato com o mundo percebe as coisas em totalidade e dependendo da importância, algo pode se destacar e o resto da totalidade se torna fundo. E essa totalidade integrada e em constante movimento é o que se chama de Gestalt (FRAZÃO, 2013).

De acordo com a Psicologia da Gestalt, alguns princípios regeriam a forma como o indivíduo percebe o mundo, sendo eles: princípio figura/fundo; princípio da pregnância; princípio do fechamento; princípio da semelhança; princípio da proximidade e princípio da simetria (FRAZÃO, 2013). À aproximação com a Gestalt-terapia, se dá de maneira mais direta em relação às ideias do aqui-agora e figura-fundo, que são conceitos muito caros aos gestalt terapeutas (ANDRADE; HOLANDA, 2019).

2.2.2 Teoria de Campo

A Gestalt-terapia se baseia também na teoria de campo, e para Yontef (1998) ela é a base que melhor dá conta das multiplicidades abordadas pela Gestalt-terapia. A teoria de campo estaria relacionada ao processo pelo qual pensamos. Para Yontef (1998), as pessoas são guiadas por sua própria teoria, que por vezes dentro de uma construção social, é atravessada por introjetos e preconceitos. Assim sendo, seria incoerente, fazer uma teoria que busca a awareness, sem estar *aware* acerca de como pensamos e de como esses processo atravessa a

existência de cada um, inclusive do terapeuta.

A Teoria de Campo tem como fundador Kurt Lewin (1890-1947), que buscava uma visão que rompesse com os pensamentos, estruturais, classificatórios da ciência da época, e que teve influência da Psicologia da Gestalt em seu pensamento. “Com uma metodologia que visa compreender descritivamente as situações únicas vividas, sempre tendo como ponto central o contexto no qual a situação emerge, e o foco no presente, Lewin ergueu as bases de sua teoria de campo” (RODRIGUES, 2013, p. 60). Portanto, a teoria de campo busca pensar o que de fato está acontecendo, olhando para o todo integrativo das relações em volta do que está sendo observado.

Com a teoria de campo, a ênfase de visão e de análise se dá no processo de pensar contextualmente a pessoa e toda a sua rede relacional, ou seja, com essa perspectiva se tem a integração de todos os processos existências, sejam eles emocionais, sociais, corporal, espiritual, entre outros (ANDRADE; HOLANDA, 2019; YONTEF, 1998). Andrade & Holanda (2019) abordam de maneira clara essa questão

Na teoria de Campo, o comportamento, portanto, é função do campo. Uma pessoa (P) é um universo fechado, em um universo mais amplo. Decorrem, então, duas propriedades: a) *diferenciação*, que define a separação do mundo por meio de um limite contínuo - ou diferencia a pessoa (P) de qualquer outra coisa (Não pessoa ou N’); e b) *relação parte-todo*, que remete à inclusão da pessoa em um universo mais amplo (ANDRADE; HOLANDA, 2019, p.97).

Em outras palavras, a pessoa em si mesma é um universo, um mundo com sua essência, ao qual é diferente de uma outra pessoa, e se encontra em constante movimento e travessia, com os seus próprios contextos. Essa mesma pessoa, está dentro de um sistema maior de relações, a realidade, e esta é dada nesses vários campos - e o campo pode ser qualquer coisa, considerando que ele em si é dado fenomenologicamente - que estão se intercambiando, mas que em si não se pode haver soma dessas partes, considerando que o todo é diferente da soma das partes, e é essa a grande contribuição da Teoria de Campo (ANDRADE; HOLANDA, 2019; RIBEIRO, 2012, YONTEF, 1998).

Considerando toda essa, base a atuação do Gestalt-Terapeuta então está totalmente interligada ao que diz de modo geral a Teoria de Campo, como pontuam Andrade & Holanda (2019)

Assim como para a Teoria de Campo, a Gestalt-terapia entende que uma pessoa (P), singular (diferenciada), e ao mesmo tempo inserida em um campo (parte-todo), só pode ser compreendida em um contexto atual (aqui-agora). Para tanto, procuram-se resgatar as conexões e as relações entre os diversos elementos do campo

(ANDRADE; HOLANDA, 2019, p.100).

Assim sendo, a prática da Gestalt-terapia irá buscar compreender o indivíduo dentro do seu campo, entendendo que é a partir da interação organismo/ambiente que as coisas terão significado e sentido para aquela pessoa.

2.2.3 Teoria Organísmica

Como já dito, a Teoria Organísmica tem como fundador Kurt Goldstein que a partir de seus estudos no campo da neurologia, constatou que as pessoas se organizavam de maneira a mobilizar sua totalidade para lidar com o trauma sofrido. Goldstein, pensou o homem como um organismo sempre em relação com o meio - contexto geográfico, sociocultural e físico, etc. Tendo como base estrutural o holismo, o neurologista constrói o pensamento de que o processo autorregulador é inerente à condição humana, sendo essa afirmativa o ponto central epistemológico da teoria organísmica. Nessa visão então, é impossível pensar o organismo isoladamente, sem considerar suas diversas faces, além do caráter interacional do ser humano - relação do organismo ao contexto que o cerca, homem como total corpo e mente (LIMA, 2013).

A teoria organísmica então assume a compreensão do homem em totalidade, acreditando na sua capacidade de atualização através da noção de autorregulação, além do rompimento da ideia clássica de saúde e doença. A doença, é vista nessa perspectiva, como expressão também dessa tentativa de se autorregular, nessa busca pelo equilíbrio, ao passo que se tira esse isolamento do homem, e entende-se essa doença como dada na relação dinâmica em totalidade da pessoa e seu meio (ANDRADE, HOLANDA, 2019; LIMA, 2013). A relação com a Gestalt-terapia é de base, considerando que a visão do homem nesta abordagem está ligada a esse processo de busca de equilíbrio das necessidades, tendo a autorregulação e a busca por atualizações para resolução do que está aberto. Além de claro de que o homem é um ser de relação, ao qual não pode ser visto como partes, mas sim enquanto totalidade dotada da capacidade de desenvolver-se e transformar-se.

2.3. Principais conceitos

São diversos os conceitos que constituem a Gestalt-terapia. Discorreremos, a seguir, acerca daqueles que nos auxiliaram a melhor compreender nosso objeto de pesquisa.

2.3.1 Contato

O “contato” pode ser considerado um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia, se não o mais fundamental, e é a partir desse conceito que se tem abertura para pensar toda a forma como o homem está consigo, com o outro e com o mundo. Desde sua primeira obra, Perls já ressaltava como o ser humano por si só não é autossuficiente e precisará do meio para a satisfação das necessidades. E, é através da fronteira no campo organismo/ambiente que se tem o contato, sendo essa fronteira o lugar do encontro com o diferente. Ribeiro (2006) resalta que esse processo acontece no aqui e no agora, e é algo que o homem está sempre fazendo de diferentes formas e intensidades, mesmo que não saiba nomeá-lo ou falar sobre. O contato seria, então, esse processo que acontece de maneira constante na fronteira entre organismo/meio, e através do qual o homem experiencia o outro e o meio, ou seja, é o processo que acontece na relação.

Em análise a respeito desse conceito, Laura Perls “diferencia o processo de estar em contato e de estabelecer contato” (D’ACRI, 2014, p. 34). Para a autora, o estar em contato entra em um aspecto quase que do automatismo e que leva a pessoa a um processo de indiferença ou não consciência. Por um lado, estar em contato também serve ao sujeito, uma vez que, por exemplo, ele não precisa se lembrar de respirar para respirar, nesse caso a autorregulação age. Mas, por outro lado, o não estabelecer contato pode ser fonte de muitos bloqueios e interrupções. Assim sendo, estabelecer contato seria o oposto da primeira forma. Nesse movimento a pessoa estaria vivenciando a experiência de maneira genuína, passo esse que pode leva-la a reconhecer suas necessidades e processos.

O contato está relacionado também ao ajustamento criativo, e à assimilação da novidade, não podendo ser compreendido isoladamente, ou seja, fora do campo. O estabelecimento do contato pressupõe um não-eu, uma relação, não necessariamente com outra pessoa, mas sempre dentro desse campo organismo/ambiente. O contato empobrecido irá resultar em necessidades distorcidas ou borradas os quais o homem não conseguirá identificar de maneira clara, e não conseguirá satisfazer tal necessidade, o que a manterá enquanto uma *gestalten* aberta. Para Ribeiro (2019) e Belmino (2020),

Contato é um ato de autoconsciência totalizante, envolvendo um processo no qual as funções sensoriais, motoras e cognitivas se unem, em completa interdependência dinâmica, para produzir mudanças, crescimento, ajustamento criativo na pessoa e na sua relação com o mundo, por meio da energia de transformação que opera em total interação na relação sujeito-mundo, organismo/ ambiente. O contato pleno, fruto dessa totalidade fenomênica, é, por natureza, mobilizador, porque envolve intencionalidade e responsabilidade (RIBEIRO, 2019, p. 19).

Contato é a relação com o diferente e o transiente que abre para o novo. O diferente pode ser algo físico, pode ser alguém, pode ser algo em mim, pode ser meu passado,

pode ser minhas conjecturas, pode ser em outro corpo, ou até mesmo os afetos que o outro desperta em mim [...] Contato é ação imediata e viva de relação (BELMINO, 2020, p. 106).

Pode-se pensar que estabelecer contato é como algo sem volta, é mudança, tocar e ser tocado, movimentar e ser movimentado. Estabelecer contato é como ver algo e depois não conseguir deixar de ver. O contato precisa do corpo, da experiência, da vivência e, por isso, às existências por vezes podem ser tão fragmentadas, considerando que no dia-a-dia aprende-se a não estar em totalidade na vida. Dentro dessa perspectiva, então, a doença estaria relacionada ao processo de impossibilidade ou interrupção do processo de realizar contato em qualquer um dos seus âmbitos “geobiológico, psicoemocional, socioambiental e sacrotranscendental” (RIBEIRO, 2019, p. 24). O contato é fundamental para a existência do homem, estabelecer contato é vida, e, quando impedido desse movimento, o ser em totalidade adocece e se fecha para abertura do novo, do diferente, da relação (ANDRADE; HOLANDA, 2019; RIBEIRO, 2019).

Com a Gestalt-terapia, o terapeuta irá ao encontro do cliente – estabelecendo contato – ao mesmo tempo que parte de onde o cliente estiver, ajudando-o a ampliar o contato. Terapeuta e cliente caminham juntos em uma relação de totalidade em que, a partir dessa relação e entrega, o cliente terá a possibilidade de olhar para si enquanto totalidade. Um contato com qualidade é permeado pelo olhar para si mesmo, para o outro e para o mundo. Por isso esse conceito é tão caro a Gestalt-terapia, e é tão importante dentro do fazer do terapeuta.

Em Gestalt-terapia, o terapeuta precisa estar em contato com o que o cliente causa em si, para que ele consiga ajudar, a perceber o cliente e ajudá-lo a movimentar-se. E, a partir do processo, tornar-se consciente, considerando que toda consciência é consciência de algo e envolve mudança, e que mudança de si leva a uma ação diferente que movimenta também o campo (ANDRADE; HOLANDA, 2019). Enquanto terapeutas, é importante aceitar, acolher e validar onde o cliente está, o cliente não tem que ter o melhor contato do mundo, mas a partir daí auxiliar nesse processo. Portanto, é possível visualizar o como realizar contato na terapia não é algo simples, contudo, é um lugar de possibilidades.

2.3.2 *Awareness*

No que diz respeito ao conceito de *Awareness*, ela significa tomar consciência de alguma coisa. Mas, vai muito além da consciência mental, pois é uma forma de experienciar o aqui e o agora. De maneira geral, é esse o objetivo da Gestalt-terapia, ou seja, uma busca ou

construção desse processo de consciência ampliada (ANDRADE; HOLANDA, 2019). Consoante a Alvim (2014), percebe-se que é o tipo de consciência que não considera o inconsciente como determinante de sentido da experiência vivida, pois quer dizer que o seu sentido é espontâneo dado o aprendizado. *Awareness*, então, é dado em um *continuum* de fluxo a partir do contato com o campo organismo/ambiente, no qual se tem as formações de *gestalten* de acordo com esses processos de figura-fundo através da experiência, e de acordo também com os eventos mais importantes do campo (YONTEF, 1998).

Yontef (1998) ressalta que a *awareness* pode ser vista como um processo de presentificação da experiência no aqui-agora. Este processo irá demandar: energia, reconhecimento da necessidade, consciência contextual e corporal do ambiente e de si, além claro, da aceitação e responsabilidade consigo mesmo. Outro fator importante, é que o estar *awareness* demanda mutabilidade, demanda atualização, para que assim ocorra mudanças (ANDRADE; HOLANDA, 2019; YONTEF, 1998).

No processo psicoterapêutico a *awareness* é processo fundamental, pois é através dela que o cliente consegue reconhecer suas necessidades e, assim, promover mudanças e atualizações. É através dela que o fluxo experiencial de reconhecimento e consciência da realidade ampliada acontece. É nesse momento contínuo que a pessoa consegue integrar-se, percebendo-se em suas diversas formas, seja no sentir, no agir, imaginar, desejar, entre outros. É um processo em que a totalidade se faz presente no momento experienciado (YONTEF, 1998). A Gestalt-terapia compreende a existência humana saudável como aquela que transita dentro de um fluxo livre de *awareness*, ou seja, quando se tem uma capacidade plástica do campo para mudanças (ALVIM, 2014).

2.3.3 Figura-Fundo

O conceito de Figura-Fundo é fundamental para compreender todo o processo de consciência ampliada. Em Gestalt-terapia, essa relação figura-fundo estará sempre presente no fazer do terapeuta, uma vez que diz respeito ao que de mais importante está se destacando para o cliente em determinado momento. Ou seja, de maneira geral, é no processo psicoterapêutico em que essa relação se tornará mais organizada, ao mesmo tempo em que essa organização também se faz fluida e cheia de mudanças. Em outras palavras, a relação figura-fundo é um processo constante onde as figuras emergem de um fundo, entendendo esse, fundo de maneira geral, quanto o próprio cliente em sua totalidade. A figura, faz parte do todo, e emerge para dizer de uma necessidade mais urgente de ser olhada, mas não deixa de fazer parte do fundo e não pode deixar de ser entendida considerando esse fundo (RIBEIRO, 2012).

2.3.4 Ajustamento Criativo

Sobre o ajustamento criativo, ele envolve a capacidade que o homem tem de mudar e formar novas configurações em sua vida à medida que toma consciência do que precisa se modificar para poder destruir crenças que não o fazem bem. Dessa maneira, lidar com a não resolução de uma necessidade utilizando-se de outros modos para que a satisfação aconteça. Segundo Cardella (2014), por intermédio do contato e a retração, o indivíduo satisfaz suas necessidades, assimilando o que é nutritivo e rejeitando o tóxico. O ajustamento tende a buscar o equilíbrio entre aquilo que deseja e as possibilidades existentes no meio.

De acordo com Cardella (2014, p. 117), “O ajustamento criativo é uma característica fundamental da condição humana básica”, e está intrinsecamente atravessado na vida do homem, e é a partir dele que se tem um viver em fluxo, reagindo e adaptando-se ao novo de maneira atualizada através da criação de novos recursos. É importante, também, entender que o ajustamento criativo pode ser disfuncional, ou seja, pode ser adoecedor/cristalizado, e é nesse momento em que esse organismo acaba se fixando em um funcionamento que não mais satisfazem suas necessidades, logo não mais se atualizam no campo. Contudo, é necessário perceber que embora seja disfuncional, ainda sim está sendo criativo, está sendo a forma como aquela pessoa encontrou para dar conta daquilo que está acontecendo, e assim o terapeuta auxiliar nessa volta ao processo criativo atualizador potencial (CARDELLA, 2014; YONTEF, 1998).

2.3.5 Aqui-Agora

O aqui-agora se define quando se percebe o presente, a realidade como um todo, o que se vê a fim de ser explicado pelo agora sem necessidade de recorrer a experiências passadas. Perls (2002) ressalta não haver outra realidade senão a que acontece no presente, o passado só existe se aparece no agora, e o futuro não é mais que uma possibilidade que se abre a partir da atualidade. A temporalidade do aqui-agora acontece de maneira integral, pois presente, passado e ideia de futuro se organizam e se presentificam na experiência do agora. Ou seja, não acontece de forma linear, mas, sim, de forma a estar sempre nesse contínuo de resgates. O “agora”, então, é um movimento fluido, onde todos esses vividos de experiências acontecem nesse agora, esse passado que permanece, logo não é tão passado assim, já que sua energia ainda está presente. E o futuro é essa ideia de vir a ser, mas que também se faz no presente, ao mesmo tempo em que, quando se vive o presente, esse presente se torna passado também (BELMINO, 2020; COSTA, 2014).

De acordo com Costa (2014), as situações de interrupção e/ou distúrbio se dão quando o indivíduo entra em um estado em que suas possibilidades existenciais não são vistas por ele próprio. Isso acontece quando, por exemplo, ele fica preso a algumas dessas polaridades – passado ou futuro – ou quando não consegue ter em vista essas duas possibilidades. Assim sendo, o cliente vai por meio da sessão de terapia chegar em uma *awareness* de seus próprios modos de ajustamento, da maneira como se interrompe e das possibilidades que ainda lhe restam. É também nesse processo terapêutico que o cliente é colocado nesse lugar de olhar para o que está acontecendo para o agora que ele está vivendo, e assim poder enxergar em seu campo suas possibilidades, abrindo espaço para os processos de ampliação do desenvolvimento e crescimento.

2.3.6 Mudança Paradoxal

A ideia principal da teoria da mudança paradoxal é a seguinte: “Mudança ocorre quando uma pessoa busca ser o que é, não quando tenta converter-se no que não é” (PINHEIRO, 2014, p.182). Essa talvez seja uma das ideias mais poéticas na qual a Gestalt-terapia tem em seu escopo teórico, com raízes direta na Psicologia da Gestalt, e que é atravessa o tempo todo o fazer do psicoterapeuta. Essa ideia diz, de maneira geral, que o indivíduo para se desenvolver e se transformar de maneira saudável precisa ser ele mesmo, e é essa a grande questão do fazer psicoterápico.

Em sociedade, introjeta-se diversos modos de ser, status e posições aos quais os seres humanos precisam ou deveriam chegar. Com a mudança paradoxal, apreende-se que, na verdade, a chave da mudança e transformação está na própria mudança e transformação, no próprio ser quem se é: “se nós permitimos, a transformação acontecerá natural e harmonicamente” (PINHEIRO, 2014, p.184). É importante também ressaltar que esse conceito não ignora as culturalidades e questões sociais, pelo contrário, é a partir desses intercâmbios que se tem as mudanças e transformações. Na prática, “o gestalt-terapeuta tenta, com o cliente, descobrir quem ele é naquele aqui-agora, o quanto ele se distanciou de suas verdades existenciais e busca integrá-lo em sua totalidade” (ANDRADE; HOLANDA, 2019, p.117).

2.4. Psicoterapia em Gestalt-terapia

A psicoterapia em Gestalt-terapia está atravessada por todos os conceitos apresentados neste trabalho de forma teórica, contudo é importante ressaltar que esses processos acontecem ao mesmo tempo, de maneira intrínseca, tanto a partir do cliente e do terapeuta, quanto na própria relação estabelecida. Os conceitos apresentados de maneira separada são com fins

didáticos de aprendizagem, mas na prática do gestalt-terapeuta esses processos acontecem simultaneamente, e é importante perceber esses movimentos e suas dinâmicas existenciais.

O fazer em Gestalt-terapia é voltado para a relação terapêutica, nessa relação que o processo psicoterapêutico acontece. Também a partir dela que o cliente poderá ampliar sua vivência para outros campos, sendo esse um processo que acontece de maneira processual e constante durante o processo psicoterapêutico. Assim sendo, “o contato psicoterapêutico é marcado por respeito, aceitação, cuidado, compromisso com a tarefa, autenticidade, e sobretudo o diálogo” (ANDRADE; HOLANDA, 2019).

A psicoterapia com base na Gestalt-terapia, então, acontece na esfera do *entre*, em que psicólogo e cliente se encontram em totalidade através da fronteira de contato (HYCNER, 1995; ALVIM, 2019). Quanto ao “entre” Luczinski e Ancona-Lopez (2010, p.79) escrevem que esse “‘entre’ [se] constitui [como] um espaço de trocas, algo que não pertence a nenhum dos participantes: pertence a ambos e os ultrapassa [...] que transcende os envolvidos e aponta para novas possibilidades de ser e de estar no mundo”. Quanto ao conceito de fronteira, ele é concebido dentro da Gestalt-terapia de maneira que subverte a ideia comumente associada à ideia de fronteira enquanto separação e divisão. Para a Gestalt-terapia, a fronteira seria o lugar de encontro com o diferente, processo esse que possibilita crescimento, mudança e transformação (ALVIM, 2019; RIBEIRO, 2012).

Para Hycner (1995), a relação estabelecida dentro da psicoterapia é a “dialógica” que se faz a partir do âmbito da atitude encontro EU-TU. A partir do diálogo, sendo este da ordem do interhumano, o autor formula que esta relação é dada dentro da postura do psicoterapeuta ao ir ao encontro do cliente, de maneira genuína, interessada, suspendendo seus valores e conhecimentos *a priori*. Com isso, o psicoterapeuta encontra-se de maneira, acolhedora, aberta, com uma postura de aceitação e confirmação, e estabelece uma relação verdadeira com o cliente, e assim o processo psicoterapêutico acontece (ANDRADE; HOLANDA, 2019; HYCNER, 1995; RIBEIRO, 2012, YONTEF, 1998).

Para Luczinski e Ancona-Lopez (2010) e Yontef (1995) seria de fato a presença ativa do terapeuta a principal forma de intervenção terapêutica, e isso se dá através do constante movimento de aproximação e afastamento do cliente, nesse processo dialético e de co-presença que o psicoterapeuta exerce (ANDRADE; HOLANDA, 2019). É a partir desse movimento, que o psicoterapeuta, então, encontrará esse outro em sua dinâmica existencial total, considerando todos os seus contextos, formas de ser e estar no mundo, consigo mesmo e com o outro. Através do seu trabalho, o psicoterapeuta desvela e vai além das fachadas que o cliente constrói em seu dia-a-dia, entrando de fato em contato com o fenômeno ali apresentado,

auxiliando o cliente a caminhar para *awareness* do seu processo existencial (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010; RIBEIRO, 2012). Nesse sentido, Andrade e Holanda ressaltam que “o homem precisa, necessariamente, de contato, estar em relação-com-o-outro para confirmar-se como humano, por isso a ênfase da Gestalt-terapia à relação terapeuta-cliente, ao encontro e ao diálogo” (ANDRADE; HOLANDA, 2019, p. 137).

Portanto, o espaço terapêutico é esse lugar que acolhe esse outro que muitas vezes chega em processos de solidão e angústia, atravessado pelas dificuldades de realização de contato, reconhecimento das necessidades, dificuldade de se autoregular, entre outros. Para Belmino (2020), a clínica é o lugar em que terapeuta ouve de maneira sensível as angústias do outro, ao passo que o cliente fala, é ouvido e se ouve nesse processo, e é a partir desse movimento que o suporte é estabelecido, e esse sofrimento é visto e validado. Segundo Andrade (2014), por vezes o cliente chega à terapia sem saber quem é, sem conseguir se enxergar em seu processo, e cabe ao terapeuta auxiliar essa volta para si mesmo.

E, assim, através da relação construída entre terapeuta-cliente, o cliente poderá transformar-se, encontrando a si mesmo, caminhando em direção a uma vivência existencial que esteja consoante a sua totalidade, ao passo que, percebe seus movimentos, responsabiliza-se pelas suas escolhas, passando a estar-ser no mundo enquanto fluxo de vivência criativa. “A psicoterapia tem um caráter libertador, a liberdade consiste em propiciar ao outro a possibilidade de dispor mais facilmente de si, experimentar novas formas de ser” (ANDRADE; HOLANDA, 2019, p. 139).

CAPÍTULO 3

Percurso metodológico

3.1 A pesquisa

A pesquisa que realizamos foi de cunho qualitativo-fenomenológico. Holanda (2006) descreve que a pesquisa qualitativa impactou o fazer científico, principalmente dentro das ciências humanas, uma vez que o método quantitativo não aprendia os estudos dessa área de maneira satisfatória. Os métodos qualitativos, que são diversos, têm como foco pesquisar, investigar, analisar e aprofundar fenômenos humanos, demonstrar as diversas faces da existência humana, a qual pesquisas quantitativas não conseguem medir ou controlar. Assim sendo, a pesquisa qualitativa seria então uma alternativa que buscaria dar conta de fenômenos em sua integralidade, considerando as suas interseccionalidades e subjetividades diante daquela pessoa ou grupo de pessoas (HOLANDA, 2006).

3.2 Participantes

Considerando as especificidades e objetivos da nossa pesquisa, entrevistamos quatro participantes, sendo dois psicólogos/as e dois clientes. Os participantes foram escolhidos por meio de amostragem não probabilística de caráter intencional. Esse tipo de amostra é usado para que se tenha uma facilidade maior de acesso aos participantes, sendo esse um dos métodos mais utilizados na pesquisa em Psicologia (MOURA; FERREIRA, 2005). Os critérios de inclusão em relação aos psicólogos/as foram que atuassem em consultório clínico a pelo menos um ano pela perspectiva da Gestalt-Terapia. Para os clientes, os critérios incluíram estar em processo psicoterapêutico, no mínimo, a um ano, também sob a perspectiva da Gestalt-Terapia. Outro critério de inclusão foi quanto a autoidentificação da nossa amostra, que incluiu um/a psicólogo/a que se autodeclare branco, e um que se declare preto/negro/pardo, e dois clientes que se autodeclarem negro/preto/pardo.

3.3 Instrumentos

As entrevistas foram semiestruturadas que, segundo Boni e Quaresma (2005), é uma forma de entrevista com um formato mais informal com algumas perguntas fechadas, deixando sempre o espaço para o participante falar abertamente. Além disso, nesse formato de entrevista, a pesquisadora também tem espaço para fazer perguntas que não estavam programadas, guiar o entrevistado novamente para o tema, ter a possibilidade de um tempo maior de entrevista, e de uma troca mais espontâneas com os participantes (BONI; QUARESMA, 2005). Portanto, a

pesquisa semiestruturada foi um recurso para obter os relatos dos psicólogos e clientes acerca da temática buscada, que teve 5 perguntas base para os participantes psicólogos, e 4 perguntas base para os participantes clientes, além de perguntas que surgiram no decorrer de cada entrevista.

3.4 Procedimentos

As entrevistas foram realizadas por meio dos aplicativos do Google Meet e do Zoom, duas em cada aplicativo, de acordo com a preferência dos entrevistados. Assim sendo, realizou-se as entrevistas que em média tiveram 30 minutos, sendo que a menor ocorreu em aproximadamente 20 minutos, e a maior em aproximadamente 50 minutos. Não houve a necessidade de realizar um segundo momento de entrevista devido a intercorrências, mesmo considerando que, em uma das entrevistas tenha ocorrido um problema de conexão de internet, tal questão foi resolvida e a entrevista retomada. Foi utilizado notebook e fone de ouvido durante as entrevistas que foram gravadas pelos próprios recursos de gravação dos aplicativos. Foram impressos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido após estarem com todas as assinaturas necessárias. Além disso, as entrevistas foram transcritas, os nomes dos participantes foram ocultados e substituídos por nomes fictícios.

3.5 Análise dos dados e resultados

Para a análise dos dados encontrados, foi utilizado o método fenomenológico, este que se insere no fazer qualitativo, e reflete uma forma de fazer ciência em que se busca a experiência vivida do fenômeno. Nessa perspectiva, se tem o princípio de que o fenômeno que se manifesta, têm voz por si só, e o objetivo é alcançar o sentido/significado dessa experiência através das descrições que pessoas envolvidas fazem dessa experiência (HOLANDA, 2006). O objetivo do método fenomenológico para gerar e analisar os dados é entrar em contato com o fenômeno em sua essência, deixando a consciência racional de fundo, valorizando a experiência. Necessitando também que a pesquisadora no momento da experiência da entrevista, suspenda o conhecimento a priori do objeto estudado, tendo ciência também de que essa suspensão nunca será totalmente realizada (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Considerando que a metodologia fenomenológica foi adotada, o modelo de análise dos dados pode ser chamado de “fenomenologia empírica”, segundo a proposta de Amedeo Giorgi. A partir dessa proposta, após as transcrições das entrevistas, foram seguidos os quatro passos, propostos por Giorgi e Sousa (2010) para análise do material. As etapas foram:

- 1ª) Estabelecer o sentido geral da narrativa do participante;

- 2^a) Determinação das partes – divisão das unidades de significado;
- 3^a) Transformação das unidades de significado em expressão de caráter psicológico; e
- 4^a) Determinação da estrutura geral de significados psicológicos.

Participaram desta pesquisa dois psicólogos e duas clientes. Os participantes serão apresentados a seguir com nomes fictícios e dados relevantes para contextualizar quem são essas pessoas:

- Cliente 1 - Maria: Tem 26 anos, mulher negra, é estudante de psicologia e está a 4 anos em psicoterapia com uma psicóloga gestalt-terapeuta branca
- Cliente 2- Joana: Tem X anos, mulher negra, é arquiteta e dançarina e está a 5 anos em psicoterapia com uma psicóloga gestalt-terapeuta branca
- Psicólogo 1 - Alex: Tem X anos, homem branco, é um psicólogo formado a 6 anos e atua sob a perspectiva da Gestalt-terapia
- Psicólogo 2 - Carlos: Tem 28 anos, homem negro, é psicólogo formado a 3 anos e atua sob a perspectiva da Gestalt-terapia

As sínteses/categorias que surgiram após a realização de todo o procedimento com base na proposta de Giorgi e Sousa (2010), foram:

- Identificação e o ser negro dentro do processo psicoterapêutico
- O lugar do psicólogo Gestalt- terapeuta e o fazer clínico frente às questões raciais
- O gestalt-terapeuta frente às possibilidades e limitações da teoria e atuação

Essas categorias surgiram como resultado da análise das 4 entrevistas através dos procedimentos dos autores acima citados. Na primeira etapa, buscou-se alcançar o sentido geral do que foi narrado pelos entrevistados a partir da leitura das transcrições. Na segunda etapa, foi feita uma releitura do texto das transcrições identificando pequenas unidades de significado, entendendo que tais unidades não estavam dadas no texto, mas foram construídas a partir dos sentidos encontrados em relação ao fenômeno, sem ter sido feita alteração da linguagem do participante. A terceira etapa identificou-se o *insight* psicológico, e o objetivo foi a transformação da linguagem do participante em uma linguagem psicológica em relação ao fenômeno investigado. E na quarta e última etapa, foi realizada uma síntese das unidades significativas de maneira consistente com o que foi significado pelos participantes resultando assim em uma estrutura descritiva geral (GIORGI; SOUSA, 2010; ANDRADE; HOLANDA,

2019). Para realização deste método Giorgi, foi construído uma tabela onde foram colocadas as entrevistas de acordo com cada resposta dada pelos participantes. E assim de acordo com cada etapa, os trechos foram sendo destacados, e realocados para a sessão daquela etapa, até chegar a última parte, que se identificou os sentidos das unidades de significado que se repetiam nas falas dos participantes e assim chegar nas categorias encontradas

3.6 Cuidados Éticos

Este trabalho foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Goiás (UFG) e foram tomados todos os cuidados necessários para melhor realização do trabalho. Portanto, em um primeiro momento as pessoas escolhidas para as entrevistas foram contactadas por mensagem de texto via o aplicativo *WhatsApp*, foi apresentado o tema da pesquisa, seus objetivos e método, por fim, verificamos o interesse em participar da pesquisa. Houveram duas recusas de participantes selecionados devido a dificuldade de conciliar os horários disponíveis, e com isso foi buscado mais dois participantes que aceitaram participar desta pesquisa. Com o aceite dos participantes, foi enviado por *WhatsApp* uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e solicitado que o participante lesse e preenchesse o termo, após isso, o documento foi escaneado/fotografado para a pesquisadora, que imprimiu, escaneou, assinou e por fim devolveu para o participante. Não houve nenhuma dúvida dos participantes quanto ao TCLE e nenhum problema quanto a isto.

Os benefícios da participação na pesquisa foram ligados à oportunidade de encontrar nesse espaço um amadurecimento, elaboração e construção de conhecimento e crescimento tanto pessoal, quanto profissional. Além também de ter sido um momento no qual o participante pode falar livremente acerca dos seus posicionamentos e questões acerca do tema proposto, sem sofrer julgamentos ou represálias. Quanto às questões dos riscos, toda pesquisa oferece um risco aos seus participantes, por serem potenciais mobilizadores, e esta pesquisa poderia ter exposto os participantes nesta situação, devido ao fenômeno aqui trabalhado considerando alguns assuntos tocados que tinham potencial de mobilizar emocionalmente/psicologicamente os participantes, além de eventual cansaço, contudo estas situações não aconteceram. Ainda assim, caso tivesse ocorrido, os participantes ou a entrevistadora ao ver a situação poderiam ter interrompido a entrevista, tanto para uma pausa, a fim de minimizar o cansaço do momento, quanto para o encerramento da entrevista em si. Para assegurar o mínimo impacto negativo possível no bem-estar dos participantes, caso esses desconfortos tivessem ocorridos a entrevista teria sido cancelada e o participante encaminhado para um momento de acolhimento com o

pesquisador. Em caso de dano permanente aos participantes os tratamentos teriam sido custeados pela pesquisadora.

CAPÍTULO 4

Resultados e Discussões

A partir das entrevistas realizadas alguns temas de análise foram surgindo, conforme explicado no capítulo anterior. Os temas foram agrupados em categorias que são analisadas abaixo.

4.1 Identificação e o ser negro dentro do processo psicoterapêutico

O assunto da identidade é complexo quando consideramos toda a construção histórica atravessada pela falsa premissa de uma identidade brasileira universal que une as pessoas. Sabemos que essa é uma estratégia discursiva que homogeneiza as pessoas e camufla as diferenças. No campo dos estudos raciais, a identidade é uma das pautas centrais e consequentemente está inserida dentro dos processos dolorosos aos quais o racismo atravessa, afetando o aspecto existencial dessas pessoas. De acordo com Souza (2021, p.43)

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas também, é sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades

Saber-se negro/a, no Brasil, é sentir as diversas formas através das quais o racismo e as desigualdades sociais atravessam a identidade e a subjetividade, e ver as limitações aos quais as pessoas estão submetidas. Dentro deste aspecto, desse processo de identificar-se, é possível perceber, através das entrevistas, as diferenças em como os entrevistados se relacionam no que diz respeito à própria identidade, mas também a forma como isso aparece no processo psicoterapêutico:

Eu me identifico como uma pessoa negra de pele clara, quando eu parei pra pensar sobre isso foi caótico e até hoje assim, é surreal (...) percebi os tipos de racismos que eram voltados para mim, que são diferentes de uma pessoa retinta. E aí, foi uma virada de chave na minha vida assim, (...) eu ficava “cara, eu não sou branca, mas eu também não sou negra pelos privilégios, então eu sou o que? Parda? peraí não é... parda é cor de papel, da onde vem o termo pardo?”(...)(JOANA, cliente 2).

Sou uma mulher preta em diáspora (...) eu já cheguei lá falando tudo [na psicoterapia], falando sobre questões raciais,.. era uma época que eu estava me sentindo muito vulnerável (...)(MARIA, cliente 1).

Joana ainda parece estar passando por esse processo doloroso de tornar-se negra, processo em que Souza (2021) trabalha em sua obra. Por outro lado, o relato de Maria parece

evidenciar uma postura mais consciente de si e da forma como se identifica e se coloca enquanto corpo no mundo. Considerando o contexto ao qual atendimento clínico está inserido, pode-se pensar que, assim como um espelho, a psicoterapia irá refletir o todo social da sociedade, a partir desse micro campo que se forma na relação terapeuta-cliente. Desse modo, quando se intersecciona a psicoterapia com as questões raciais é importante olhar para essas pessoas de fato, compreendendo suas demandas, sua história, seu fundo existencial, ou seja, todos os seus atravessamentos, inclusive aqueles marcados pelo racismo. Para Arrelias (2020, p. 130), o corpo negro sangra suas feridas abertas, e o psicólogo consciente entrará em contato com esses corpos os auxiliando “na identificação e (re)inauguração de recursos para lidar com a ferida ainda não cicatrizada”.

Nesse sentido, a Gestalt-terapia, enquanto abordagem dialógica, acredita nesse fazer clínico que é dado no *entre*, no encontro de terapeuta e cliente, em que ambos se veem e constroem, através da relação, um lugar de crescimento e possibilidades. Para Hycner (1995) o encontro entre psicoterapeuta e cliente é dado no âmbito do diálogo, que se refere de maneira geral à intencionalidade do encontro genuíno com o outro. Pensando então a clínica como esse lugar do encontro verdadeiro e genuíno, é possível falar que dentro desse lugar tem-se a possibilidade de que o cliente caminhe em direção a ele mesmo. Diante disso, quando esse corpo negro chega, com suas feridas abertas e também suas possibilidades latentes construídas dentro da sua realidade contextual, será necessário que esse gestalt-terapeuta vá ao encontro deste cliente de maneira verdadeira, considerando o seu todo social. Dessa forma, será possível que o processo de se tornar cliente não seja tão dolorido, e que a sua identidade e seu processo de tornar-se a si mesmo seja validado e desvelado. Sobre seu processo de identificar-se, Joana comenta sobre sua experiência e a forma como isso afeta seu processo psicoterapêutico:

Você acredita que por ser esse lugar [...]que eu tenho que assumir uma postura e falar assim “É isso” enfrentar todos os olhares, todas as pessoas que vão falar “Não, você tá viajando” ou o “Sim, faz sentido”, estar estudando esse tempo inteiro, estar entendendo esse tempo inteiro, me faz com que eu não leve assim com tanta frequência assim pra terapia, eu levo outras questões assim, outras coisas. Eu falei com a minha psicóloga, se não me engano em uma sessão e ela ficou tipo “Nossa, você nunca me trouxe isso”(JOANA, cliente 2).

Pensando também no outro da relação, no que diz respeito ao psicoterapeuta negro que ocupa esse lugar dentro da clínica, esse aspecto identitário também aparece na experiência de Carlos, um dos psicoterapeutas entrevistados:

“Quem sou eu?” Um homem preto... a pessoa abre a câmera e ela está me vendo

né... sou um homem preto, [...]eu banco uma imagem, que durante toda a minha vida eu cresci não vendo psicólogos assim, eu cresci com aquela imagem de psicologia como uma pessoa bem certinha assim, bem engomadinha, branca, de cabelo curto, chique... sabe? O imaginário social da psicologia ainda tem um pouco disso... isso tem sido quebrado aos poucos... eu não me enxergava muito nisso [...] (CARLOS, psicólogo 2).

Uma paralelo interessante de se perceber, é que considerando todos os entrevistados, somente Alex não traz em nenhum momento esse marcador da própria identidade e seu atravessamento, o que de maneira geral está de acordo com Arrelias (2020) e Souza (2021) a respeito de como auto identificação da pessoa branca não se torna uma questão a ser debatida e colocada em questão por ela já ser tida como natural e normalizada. Diante deste debate, um ponto interessante de se observar é a forma como a própria identidade do psicólogo chega para o cliente e a forma como isso também está entrelaçado com o vínculo. Esse elemento pode ser te um ponto de amparo assim como relata Carlos. E em contraste com esse relato, a partir do que relata Maria, é possível perceber que esta questão também pode ser um ponto de conflito:

Então as pessoas pretas que chegam para mim, além da identificação que elas sentem ao me ver, eu trabalho muito em criar vínculo com essas pessoas, eu percebo que elas se sentem queridas, percebo que elas se sentem bem vistas por mim (...) por mais que eu to ali, sempre tentando entender a experiência da pessoa, eu já ouvi também de... a pessoa contando né, o relato de que o racismo atravessou ela e ela fala: você entende né?! ... e na sutileza, sim ... Sim! Não vou ficar falando de mim, não vou sair falando: nossa, eu te entendo porque eu também ... Sim, mas é aquele olhar. Aquele olho no olho de “sim, eu te entendo, pode continuar que to aqui te acompanhando, sabe? Tô aqui com você! Não estou duvidando do que você está falando. Não estou achando que não tem nada a ver se você é preto ou não, tem tudo a ver, eu sei” (CARLOS, psicólogo 2).

Teve um caso de racismo dentro da universidade [...] e aí eu me vejo constrangida em falar as coisas pra minha psicóloga, que é branca, de como eu me sinto... [...] e eu chego em um ponto de perceber que a minha psicóloga como mulher branca, com o status social que ela tem de ser branca, classe média... ela é a visão opressora que eu tenho das outras pessoas na sociedade então eu vejo que talvez a sinceridade e o vínculo que eu tenho com ela na verdade não é tão profundo assim, mas aí a gente caminha, e eu consigo falar sobre a nossa relação [entre maria e sua psicoterapeuta] dentro da nossa relação, e eu acho que esse foi um ponto muito legal e aí depois de um tempo, ela até fala pra mim que “talvez, depois de um tempo pra você chegar em alguns pontos você vai ter que ter uma psicóloga negra, pra você conseguir chegar em alguns pontos”(MARIA, cliente 1).

O que Maria traz é consoante com o que Veiga (2019, p. 246) questiona “Como tratar dos efeitos do racismo na subjetividade negra numa relação terapêutica em que a marca do terapeuta, ser branco, é o que legitima as violências ao ser preto do paciente?” É bacana ver que a relação que Maria e sua terapeuta sustentam constrói um espaço em que isso pode ser colocado, e discutido, e além disso reconhece as próprias limitações dentro do processo psicoterapêutico. E a partir do que Maria relata, toso esse movimento acontece partindo desse

lugar em que terapeuta se questiona e possui um olhar amplo para além da clínica, e que o cliente transcende as marcas da branquitude da psicoterapeuta e coloca a questão em pauta. ...

Independentemente de ser cliente ou psicoterapeuta, a questão da identidade é algo que atravessa a existência das pessoas, sejam elas brancas ou negras. Contudo, assim como aprendemos com Souza (2021), é a identidade da pessoa negra que é racializada e atravessada pelos processos atrelados ao racismo. E, assim sendo, percebemos nas entrevistas a forma como esse aspecto aparece, assim como a forma como não aparece, compreendendo as especificidades de cada vivência, mas enxergando esse fundo que atravessa todas as quatro vivências.

Pode-se pensar que é o racismo enquanto fundo que faz com que Maria e Joana estejam em posições distintas de vivências da própria experiência enquanto mulheres negras. Considerando que quanto mais borrado este fundo maior a dificuldade de entrar em contato com as figuras que dele emergem, nesse caso a figura própria de ser negra e se ver nesse processo. Assim sendo, Maria consegue dar voz de maneira mais assertiva à própria experiência enquanto mulher negra, trazendo este aspecto inclusive dentro do próprio tensionamento da relação com sua psicóloga. Enquanto isso, Joana ainda relata o processo doloroso de ainda estar tornando-se e reconhecendo enquanto mulher negra, o que reflete em sua dificuldade de dar voz para a questão em psicoterapia. Em ambos os relatos, podemos ver a forma como o racismo é cruel e atravessa a realidade dessas mulheres de maneira dolorosa.

O racismo sendo esse fundo da construção histórica do país, afeta todas as pessoas de maneira implícita, explícita, consciente ou inconsciente. E assim o racismo aparece no sentido de normalizar e naturalizar as desigualdades, preconceitos, exclusões e etc. Pode-se pensar também, que uma forma que estrutura aparece é a própria não identificação de pessoas brancas enquanto pessoas brancas, e o pensar a própria posição. Um exemplo disto, é que diferente dos outros participantes, Alex não traz em sua fala o questionamento ou identificação enquanto o ser branco, mesmo quando reflete sobre o não ter clientes negros. É importante ressaltar que isso não se trata de um racismo reverso ou qualquer coisa do tipo, considerando que tal ideia é mais uma estratégia falaciosa. O que estamos aqui olhando, é como o efeito do racismo é tão sofisticado, que de um lado se tem corpos naturalizados e normatizados, que nem ao menos se tem uma ideia de raça sobre eles. E do outro se tem corpos que são atravessados por toda aquela discussão feita no primeiro capítulo. E assim sendo, quando se pede para que os participantes se apresentem e digam quem são, a primeira informação que Maria, Joana e Carlos dizem é “Sou preta, sou negra, sou preto” respectivamente. E ainda expandido a discussão, Carlos traz em sua fala também o impacto de ser quem é na construção enquanto psicólogo e Gestalt-

terapeuta, o que diz de lugares muito diferentes de ocupação.

4.2 O lugar do psicólogo Gestalt- terapeuta e o fazer clínico frente às questões raciais

O atendimento em Gestalt-terapia é ancorado e construído a partir da própria relação terapêutica, e assim sendo se é valorizada a alteridade dentro do movimento dessa relação. O psicoterapeuta enxerga o indivíduo em sua singularidade e movimento, entendendo que esta que é inserida em um campo relacional maior do que o atendimento em si (HYCNER, 1995). Para Ciornai (2019, p. 9) o atendimento se inicia “pelo acolhimento, pela escuta atenta e empática, pela presença plena e pelo vínculo estabelecido” e, a partir desse movimento, os dois pólos dessa relação caminham dentro da psicoterapia.

É necessário ir além desse encontro gestáltico propriamente dito e interseccionar esse fazer com as questões raciais. Esse é um lugar aqui defendido como sendo de grande importância que o/a psicólogo/a reconheça, valide e enxergue as demandas específicas da população negra e o seu fundo existencial. Entendendo que, dado o contexto vivencial brasileiro já apresentado, percebe-se a impossibilidade de ignorar todo esse fundo de questões raciais e sociais. Sendo assim, se faz essencial e imprescindível ir além da teoria gestáltica, e buscar também outras bases e olhares que contemplem assim essas pessoas que já possuem sua história homogeneizada, silenciada pelas teorias brancas e que não os considera como existência.

Sobre este olhar, sensibilidade e validação, Maria destaca um momento significativo de sua psicoterapia:

Eu chego lá [na terapia] falando sobre cabelo assim, e eu já tenho um acolhimento de cara dela, ela falando assim: “Às vezes as pessoas acham que é só cabelo né, mas não é só cabelo” e aí foi, o processo terapêutico já andou nisso, (...) eu falei pra ela sobre cabelo, sobre a minha transição capilar, que foi uma transição muito difícil, que foi uma época que eu me sentia muito triste (MARIA, cliente 1).

Maria também expõe a sua visão acerca da realidade do atendimento, enquanto cliente negra, e como chega para ela essa questão de um olhar ampliado:

Na primeira sessão ela fala isso pra mim em relação ao cabelo, eu falo que ah talvez a questão não seja só uma questão é... de entender só a questão de raça, mas entender o contexto como um todo, sabe? Eu acho que ela entende o contexto como um todo, a questão de raça, a questão de classe, então eu acho que ela estava aberta, porque ela faz uma clínica social, e entender isso eu acho que faz sentido, sabe, pra ela e pra mim, faz sentido aquilo. (...) Eu acho que ela se aproximou assim das minhas dores, quando ela fez esse movimento de pensar sobre isso (MARIA, cliente 1).

Ainda sobre atravessamentos na clínica e demandas, Alex e Carlos também fazem suas pontuações a partir de suas visões enquanto psicoterapeutas e Gestalt-terapeutas:

Se eu falasse que “Não, é tudo igual” [sobre demandas de pessoas brancas e negras e o atendimento na clínica] eu estaria cometendo um crime e um pecado, porque eu estaria desrespeitando a história (...) pela história essa pessoa já chega estigmatizada. Vamos lá, uma vivência de classes, estamos falando de classes, estou falando dessa paciente [negra] que vinha limpar a casa da galera do Gestalt do [condomínio de luxo de Goiânia], tinha que pegar dois, três, até quatro ônibus, é diferente de uma paciente [branca] que era advogada e ela não conseguia desapegar de uma relação(...) olhando dentro desse humano num aspecto histórico, social e cultural, a demanda tem sim suas diferenças (...) Eu, enquanto terapeuta, se acolho esse paciente não levando em consideração isso, eu não estou fazendo époche, não estou enxergando a existência e muito menos o humano que está na minha frente né. Então, pra mim sim, eu falo sem titubear, as demandas são sim diferentes (ALEX, psicólogo 1).

São [diferentes]! Inevitavelmente! [sobre demandas de pessoas brancas e negras e o atendimento na clínica] pra começar que eu nunca atendi uma pessoa branca que a cor da pele foi um impeditivo para ela conseguir alguma coisa, ou que uma demanda dela na clínica, alguma queixa dela é, que ela trouxesse alguma questão racial que implica na vida dela. Todas as pessoas pretas que eu atendi, sem exceção, trouxeram esse tema. Então, de cara, isso já é um dado pra gente... Todo mundo que eu estou atendendo que é preto já trouxe uma demanda relacionada ao racismo (CARLOS, psicólogo 2).

Reconhecer o que o racismo fere e até mesmo pensar a própria posição e seu fazer clínico é fundamental para uma atuação psicoterápica comprometida, assim como é fundamental e básico que os clientes se sintam acolhidos e validados em suas próprias experiências. Para isto também, dentro deste contexto aqui defendido, um aspecto importante a ser ressaltado para que isso aconteça é a relação em si, entendida como uma relação de atitude EU-TU. Essa relação atitude está associada à entrega genuína para se conhecer o outro (HYCNER, 1995). A partir das discussões dadas, é possível dizer que compreender este fundo existencial atravessado pelas questões raciais e a história no hoje é uma verdadeira forma de entrega e de conhecer este cliente de forma holística, confirmando e validando a sua existência.

Quanto ao fazer do profissional, é reconhecível que tornar-se psicoterapeuta é muitas vezes uma tarefa complexa, e até mesmo contraditória e paradoxal, tanto em termos de atuação prática quanto em termos de sustentação das partes teóricas da profissão. Enquanto gestalt-terapeuta, é valorizado e necessário a construção de uma clínica em que terapeuta coloca a si mesmo em jogo, não só como instrumento, mas também enquanto pessoa,

[A Gestalt] me permite ser eu mesmo, que me permite me emocionar quando eu ouço relato né, que me permite, que me permite ser eu mesmo, que me permite ser essa cara aqui, como eu tava falando lá no início (...) Eu entendo que a Gestalt Terapia, nos dá e me dá essa possibilidade de ser eu mesmo (...) isso é uma coisa da

abordagem e isso contribui para o vínculo né (CARLOS, psicólogo 2).

O Gestalt-terapeuta deve sempre transitar entre a inclusão, ou seja, o aproximar e estar junto do cliente, olhando pela sua perspectiva e ao mesmo tempo em que deve se afastar do cliente e assim não se perder dentro dessa relação, evitando assim até mesmo confluindo com o cliente. Portanto é importante que este profissional esteja nesse processo *aware* do que está acontecendo dentro desse setting dentro desses vários âmbitos (HYCNER, 1995). Então, é relevante pensar qual seria então o papel do psicoterapeuta dado esse contexto histórico e social que pode e vai atravessar o atendimento. Nesse sentido, é fundamental que o Gestalt-terapeuta busque elementos para além dessa clínica e dessa teoria de forma a ajudá-lo a compreender processos como o racismo e a exclusão social. As questões raciais raramente são vistas durante a formação nos níveis de graduação e pós-graduação. Diante disso, podemos nos questionar se esses psicoterapeutas estão prontos para atuar nesse campo de diversidades, exclusões e silenciamento. Essa discussão é fundamental para a prática psicoterápica, pois é a partir do encontro no *entre*, que esse cliente, tem sua existência confirmada dentro dessa relação dialética, entrando em contato consigo mesmo e assim com o mundo a sua volta, é importante que as questões raciais não sejam ignoradas.

Esse aspecto de discussão, sobre o atendimento do psicoterapeuta e seu preparo, transcende até mesmo a percepção do cliente, até mesmo no processo de escolha do psicólogo.

Quando eu pensei em ir pra terapia, até porque foi um processo até eu ir e tal, eu pensava “Eu quero uma psicóloga negra, porque eu acho que eu não vou ser tão bem acolhida, eu acho que ela [se fosse uma psicóloga branca] não vai entender tanto das minhas dores” (MARIA, cliente 1).

Esta fala de Maria vai ao encontro do que Arrelias (2020) ressalta em seu trabalho sobre a dificuldade que é o encontro entre essas pessoas racializadas e não-racializadas. É um encontro em que uma pessoa racializada possui um corpo que, no contexto social, é não humanizado, massacrado, excluído, não validado etc. e a outra possui um corpo não racializado, branco, e que ocupa um lugar totalmente ao contrário, um lugar de existência e privilégios. Diante disso, Arrelias afirma que “o racismo (...) impede ou dificulta o reconhecimento de alteridades, e neste sentido, de existências fora da norma branca cisgênera” (p. 104). Entendemos, diante disso, que uma forma talvez de ir em direção a uma mudança de paradigma é que psicoterapeutas tenham ou busquem esse conhecimento contextual ampliado.

Maria, uma das clientes, traz também em sua fala alguns pensamentos sobre como esses questionamentos apareceram para ela em relação a ter uma psicóloga branca ou negra

Eu acredito que seria diferente [ter uma psicóloga negra], eu acredito que seria um entendimento diferente, de lugares diferentes, com encolhimentos diferentes, mas isso não significa que o processo terapêutico da minha psicóloga branca não seja um processo, que não seja um processo acolhedor, e que ela compreende... mas também, entendo que ela está disposta a entender, porque eu acho que você pode chegar em um psicólogo branco e ele não está disposto a entender as questões de uma pessoa negra, então eu acho que ela se aproxima pra conseguir entender assim, as questões raciais (MARIA, cliente 1).

O questionamento que Maria traz, sobre a escolha de psicólogo, é algo que nos chama atenção e pode ser um reflexo de um todo social muito maior, que faz com que ela se questione se vale a pena uma pessoa negra buscar um psicólogo branco. Esse questionamento nos faz refletir como o cenário da Psicologia como um todo é eminentemente branco – a maioria dos alunos e psicólogos são brancos, assim como os autores estudados também são –. Essa constatação reflete sobre os silenciamentos estruturais das pessoas negras, além de nos perguntarmos sobre onde estão os clientes, psicólogos, estudantes, teorias, pensadores negros.

Além disso, esse pensamento remonta novamente ao que Arrelias (2020) e Veiga (2019) analisam sobre como o encontro entre corpos brancos e negros na sociedade brasileira não é algo simples, justamente por todo esse histórico racista e da posição do branco na sociedade. Negros e brancos ocupam lugares de identidades diferentes, em que um hierarquicamente está acima do outro de várias maneiras. Diante disso, percebemos o quanto esses pensamentos e sentimentos que Maria expressa fazem sentido ao buscar um psicoterapeuta. Refletem também os diversos momentos em que uma cliente negra, como Maria, podem vivenciar conflitos dentro da própria psicoterapia em relação às diferenças de papéis e de lugares que as duas pessoas dessa relação ocupam.

Ainda dentro desta discussão sobre papéis, Alex, um dos psicólogos entrevistados, relata uma perspectiva interessante acerca do próprio fazer e olhar para a clínica psicológica:

Eu estava em um momento que eu estava dirigindo o carro e aí eu parei assim e escutei no rádio uma galera falando sobre consciência negra e tal, e eu falei assim “Gente, quantos pacientes eu tenho de cor preta?” E aí forcei, eu tive que forçar mesmo. Eu tenho uma adolescente que é de uma ONG que eu trabalho (...), ela é negra, tenho mais uma que ela vem todo sábado, e já está comigo já tem uns 4 anos, e outros pardos, mas pretas [retintas] foram 2 ou 3, e isso me incomodou muito, e começou a gerar um questionamento de “Porque que na minha clínica, tem tanto essa disparidade? É o preço? Mas eu ainda trabalho com valor social. É a localização? Mas na frente do meu consultório passa uma linha de ônibus. É os horários? Eu atendo os três horários, e até aos sábados” (ALEX, psicólogo 1).

E isso me incomodou muito mesmo, porque eu levantei exatamente essa questão de o que acontece que os nossos consultórios não tem vivências/atendimentos de pessoas minoritárias né, e aí né é o preto, é o pardo, é o homoafetivo, é o trans [que

está vindo agora], mas é um público que vem muito para as clínicas escolas, mas não vem para os consultórios, é um público muito reduzido, isso me incomodou, me levantou um questionamento, um questionamento sobre mim, sobre a minha conduta [...] A gente precisa quebrar o tabu, a gente precisa parar e falar essa pergunta ... “Porque eu tenho tão pouco pacientes negros? O que está acontecendo?” (ALEX, psicólogo 1).

Esta talvez seja uma angústia ao qual nem este trabalho consegue dar conta de responder de maneira consolidada, mas que consegue ao menos esboçar uma ideia, uma ideia que envolve todo esse campo brasileiro que é atravessado por inúmeras desigualdades e barreiras, aos quais essas pessoas negras não irão conseguir ter acesso ao cuidado em saúde mental. E por isso, se faz necessário essa visão ampla para além somente dos conhecimentos psicológicos, uma vez que este fato atravessa uma estrutura que está instalada na sociedade. É preciso reconhecer que sozinha a Psicologia, a psicoterapia, a Gestalt-terapia não conseguem lidar com estes atravessamentos, como afirma Sena (2021): “Se de um lado o acolhimento sustenta, por outro somente ele não transforma no sentido de parar a roda política e sócio-histórica da violência” (p. 189)

O que se destaca neste tema abordado pelos entrevistados de maneira geral é esse fundo em relação ao compromisso com esse papel que o psicólogo tem frente às questões raciais. Assumir este compromisso é, de certa forma, ter que voltar de fato às origens do que se propunha a própria Gestalt com seu caráter revolucionário, e representa formas de romper com esse silêncio. É necessário reconhecer também que sozinhos a luta se torna mais difícil e menos frutífera, cabe neste aspecto maior contato com os pensadores negros que já têm esbravejando esta luta por séculos. Fazemos nossas as palavras de Sena (2021, p.188): “Ser continente, cuidadora e analista da forma com atenção aos marcadores da diferença social, pode significar não rasgar mais a carne desse corpo que é alvo habitual e contínuo de múltiplos vetores de violência”.

4.3 O gestalt-terapeuta frente às possibilidades e limitações da teoria e atuação

De maneira geral, é por meio da clínica que a psicologia se tornou mais conhecida, mas é também este campo de atuação que mais tem recebido críticas. Embora se tenha aumentado o número de produções e publicações científicas nos últimos anos, e tenha trabalhos de outros campos das ciências humanas no que diz respeito às relações raciais, ainda assim percebe-se que a produção teórica tanto dentro da psicologia, quanto da gestalt-terapia, ainda parece incipiente (SENA, 2021). Considerando que a teoria é base para a atuação do psicólogo clínico, essas faltas podem refletir também na atuação clínica. Essa questão aparece na fala de Carlos,

um dos psicólogos entrevistados:

Antes de eu me tornar gestalt terapeuta, inclusive no início da minha trajetória na Gestalt, eu enxergava uma Gestalt que, na verdade, não estava preocupada com isso [questões raciais] ... E eu vou ser sincero, Bruna. Tem muitos gestalt terapeuta que não estão preocupados com isso mesmo, que não é uma questão para eles e que talvez esteja lá atendendo, que são brancos, esteja lá atendendo pessoas brancas, não estão preocupados com isso ... ou que talvez, esteja até atendendo uma pessoa preta e fazendo uns atravessamentos muito doloridos com esses cliente ... é ... não tem como, não tem como ser hipócrita, sabe? Existe uma Gestalt que não está nem aí para questões raciais ... a Gestalt que a gente estuda na faculdade, por exemplo (CARLOS, psicólogo 2).

Mesmo tendo tido mudanças de perspectivas ao longo dos anos, a atuação clínica da psicologia, de maneira geral e aqui pensando essa prática enquanto gestalt-terapeuta, por vezes é cercada de debates acerca de como o social é inserido nesse contexto. Ou melhor dizendo, sobre a falta de inserção deste âmbito. Para Dutra (2008, p.227),

Precisamos refletir mais criticamente sobre o sofrimento psíquico nos dias atuais e como o homem desse tempo constrói as suas relações de sentido. Como as condições econômicas, históricas, sociais e culturais influenciam e participam do processo de construção das subjetividades e conseqüentemente, dos sintomas, estes entendidos enquanto expressão de sofrimento.

Esse posicionamento diz respeito à defesa de um fazer o qual não se pretenda ou necessite de um lugar físico para ser feito, de um ideal de *setting*, ou de necessidade de uma imagem, mas sim de uma clínica que mude sua postura. Para Dutra (2008), essa mudança está ligada à atitude de fazer atendimentos baseados numa ética e política, aqui defendida enquanto uma postura que abre mão “do engessamento teórico e metodológicos (...) nas práticas psicológicas, além da adoção de uma concepção de homem que contemple a inserção desse sujeito no contexto histórico e social num determinado momento da sua existência” (DUTRA, 2008, p. 234).

Sena (2021) ressalta esse não preparo desse profissional, e o como este aspecto pode ser refletido nesses atendimentos:

Nem todo experimento gestáltico é pertinente para determinados grupos sociais (...) atividades como “faça sua árvore genealógica”, “pense numa pessoa amada que você perdeu”, “a história do seu nascimento ou gravidez”, “escravos de jó” etc. podem ser muito desconcertantes e violentas para pessoas negras que apresentam sofrimento fundante em discriminações racistas e genocídio (SENA, 2021, p.170).

Pensar nessa mudança de atitude e postura do psicólogo gestalt-terapeuta torna-se algo

fundamental considerando a importância de pensar uma clínica que acolha, confirme, valide e caminhe com todas as diversidades existenciais das pessoas, e aqui de maneira específica em relação às pessoas negras. Sobre esta intersecção, Alex e Carlos fazem pontuações acerca das atitudes de gestalt-terapeutas e da própria teoria:

Nós da Gestalt terapia temos que falar mais sobre as minoridades. Você vai nos congressos, só tem romantização, não se fala de aspectos minoritários. Então que aspectos, o que a gente pode ajudar, a gente falar mais... falar mais nas nossas aulas de faculdade, de pós-graduação... Então, por exemplo, você não tem nenhum texto: minoridade e Gestalt terapia, você achou algum? Eu não li ainda (ALEX, psicólogo 1).

A Gestalt Terapia pode ser esse espaço de possibilidades para pessoas pretas [...] a partir do momento em que nós, gestalt terapeutas, estamos de fato, abertos para acolher essas pessoas, em suas demandas, tendo consciência, aí eu acho que é uma consciência de mundo, consciência social de que, as experiências delas, vão ser atravessadas pelo racismo, mesmo que elas não tenham consciência disso. Mas a gente, enquanto pessoa que se formou em psicologia, enquanto pessoa que estuda, enquanto pessoa que tá atendida nas coisas, a gente tem que se abrir ... para acolher essas pessoas tendo consciência de que o racismo as atravessa. Então, a gente parte daí né ... para que esse espaço que é a Gestalt Terapia possa ser nutritiva para essas pessoas. Aí eu acho que também pensando em Gestalt Terapia enquanto uma abordagem dialógica, como um campo de estudo, da gente ir trazendo essas discussões para a academia, a gente trazendo essas discussões para os curso de formação, né (CARLOS, psicólogo 2).

Falando sobre o âmbito da teoria propriamente dita, uma percepção interessante diz respeito ao que Carlos pontua, em um momento da entrevista, acerca da Teoria de Campo, ressaltando sua importância no atendimento clínico, e também o entrelace com aspectos do Existencialismo:

Para a gente entender a vivência de uma pessoa preta, é imprescindível olhar para o racismo estrutural. Isso está no campo, isto está no ambiente familiar, na escola, na faculdade, nos relacionamentos, isto está no ambiente de trabalho né. Isto está na televisão, está no filme que você vê, na série que você assiste, na pessoa que você vê na publicidade, está em tudo.(...) eu vejo muito assim é a Teoria de Campo aparecendo como uma possibilidade da gente entender a vivência dessa pessoa preta na clínica. (...) eu também vejo o existencialismo aparecendo e essa nossa ideia da Gestalt de ser de possibilidades, eu acredito nela, eu acredito nela muito. Eu acredito tanto no ser humano, eu acredito sim quanto ser de possibilidade, eu acredito que a gente tem potencial, tem capacidade de ser o que a gente quiser ser. Acredito mesmo! Mas dito isso, não tem como eu acreditar nisso sem fazer um recorte racial (risos). Ai de novo eu volto na Teoria de Campo, porque as vezes eu vejo um paciente com gigantesca potencialidades, mas que o campo dela, não permite aquele desenvolvimento, a condição socioeconômica dele, (...) e agora a gente falando de racismo, eu vejo uma pessoa que tem plenas condições de se desenvolver muito, mas que, o fato dela ser preta, inserida no meio onde ela está, na sociedade em que ela está, não permite que ela se desenvolva, ou não permite que ela se desenvolva com a rapidez que ela queria ou com a facilidade que ela poderia (CARLOS, psicólogo 2).

Carlos demonstra em sua fala, um caminho interessante dentro da própria teoria ao qual a Gestalt-terapia está amparada, o atendimento desses clientes a partir da teoria de campo, esta que já foi apresentada no capítulo 2. E retomando o que Yontef (1995) afirma, esta é uma forma de fazer e olhar para os fenômenos mais complexos, e assim sendo esta parece ser uma perspectiva frutífera no caminhar com esta temática. Considerando que a pessoa negra é atravessada por vários marcadores aos quais estão presentes no seu campo existencial de maneira a afetar todo o seu percurso, seja ele de maneira positiva ou negativa, e assim sendo olhar para essa pessoa de maneira a considerar todas as suas possibilidades e limitações torna esta perspectiva interessante.

Assim sendo, é possível perceber que Alex e Carlos se aproximam no que diz respeito ao olhar para a Gestalt-terapia enquanto uma abordagem que tem sim possibilidades para o atendimento de pessoas negras. E ambos ressaltam a importância da implicação da Gestalt-terapia no que diz respeito às minoridades, sendo está tanto no âmbito academia, nos cursos de formação, congressos e eventos. Quanto à própria teoria, Carlos demonstrou uma aproximação maior com a teoria de campo para olhar para o cliente, e Alex traz uma breve análise a partir do ciclo do contato ao dizer que “ *eles vão chegar [clientes negros] muito no... talvez uma rigidez, no ciclo do contato lá de rígido, projetivo, retroflexivo*”. Ou seja, consideramos que ambos os olhares são interessantes e relevantes, e que são perspectivas frutíferas para olhar para o fenômeno, é interessante ver o como os dois participantes conseguem colocar essas teorias ao lado das discussões do olhar para aquele cliente negro. Esse movimento é muito importante considerando que é o que faz com que se enxergue de fato aquela pessoa na sua frente

Alex e Carlos são diferentes em vários aspectos, mesmo tendo a mesma profissão e a mesma abordagem, o que faz com que suas atuações sejam diferentes e as formas como eles se relacionam com os atendimentos também. É interessante trazer novamente o quanto Carlos tem essa aproximação e se coloca nessa clínica com sua própria identidade, o que é algo que ele próprio traz sobre ser um psicólogo preto. Através dos relatos dos entrevistados percebemos que se tem a ideia de que o psicólogo ser negro facilite o atendimento no sentido da pessoa se identificar e assim entrar em um processo de maneira diferente. O que sem dúvidas é um dado importante, e ao qual não duvidamos considerando até mesmo o relato de Carlos. Mas ao mesmo tempo, este dado nos coloca em um lugar de questionamentos, no que diz respeito aos psicólogos branco, se majoritariamente os psicólogos são brancos, esses psicólogos estão se preparando para o atendimento de pessoas negras? inclusive entendendo a própria identidade na clínica? considerando que por vezes será aquela do opressor, assim como traz Veiga (2019)

e também Maria em sua fala. O psicólogo negro pode ter sua experiência enquanto pessoa negra em uma sociedade racista, mas ainda assim ele não deixa de estudar todo um campo não só de teoria da gestalt como também outras teorias, e o psicólogo branco? Como vimos, o que apareceu nesses relatos é a importância do conhecimento amplo, histórico, social, político, etc. isso tem aparecido nos questionamentos dos psicólogos de maneira geral.

Considerações Finais

O debate das questões raciais atravessam diversos campos dos saberes e das práticas, independentemente de este ser um debate valorizado ou não. Historicamente e estruturalmente os efeitos do racismo aparecem nas vivências das pessoas, e conseqüentemente irão aparecer nos atendimentos clínicos, quando estes conseguem ocupar esse lugar. O aparecimento do racismo e seus efeitos podem ser visto, seja pela via do explícito como vimos através das demandas de clientes negros, seja pela via da vivência do psicólogo, mas também pela via do silêncio, quando se tem uma clínica ao qual não se tem pessoas negras sendo atendidas ou teoria que consigam amparar essas pessoas. Este atravessamento que o racismo causa é muito maior do que um trabalho consegue responder, mas ainda assim, esta foi uma tentativa de conseguir ampliar de maneira que ainda inicial esse cruzamento entre relações raciais e gestalt-terapia.

Diante do que foi trabalhado e através das experiências de nossos participantes, é necessário ressaltar a importância de um trabalho clínico ao qual se faça presença através da escuta daquilo que está por trás das vivências de pessoas negras. É claro que não é só de racismo que se constituem essas vivências, mas assim como Carlos traz em sua fala, é importante saber desse fundo, para conseguir ver as possibilidades, assim como quais as limitações que são colocadas socialmente. A Gestalt-terapia enquanto toda sua construção, com toda base filosófica e metodológica, sua forma de enxergar o homem e suas potencialidades é extremamente rico. Ainda assim, só isto não basta, é necessário ainda muitos debates, e reconhecimentos, assim como Veiga (2019, p. 246) traz

Descolonizar não é apenas incluir na bibliografia as epistemologias até então silenciadas, mas colocar em questão o próprio lugar do psicólogo, situar suas marcas, seu lugar de fala, porque é desse lugar que ele exerce a escuta.

Ou seja, é preciso uma ação ativa de fato desse processo de mudança e ruptura com o que já está dado nas constituições da psicologia e também das abordagens. E no que tange a Gestalt-terapia, esta ainda se deve engajar muito mais e realizar ainda mais a inserção deste debate e de muitos outros em suas formações (SENA, 2021; ARRELIAS, 2020) para que um dia, possamos estimar por uma maior e melhor forma desses profissionais serem preparados para atender estas existências, e atuar de maneira a haver transformações sociais.

Apesar desta estima pelo futuro e suas mudanças a longo prazo, é importante olhar para o agora e para a forma como as atuações têm sido feitas. E por isso, é preciso ressaltar a

responsabilidade social que cada psicólogo e gestalt-terapeuta tem diante não só daquele cliente, mas também com o mundo no agora e as construções a sua volta. É importante perceber a sutileza, e o refinamento no qual o racismo atravessa a construção do contexto brasileiro, e o como isso aparecerá na prática. E isto aparecerá mesmo que o profissional, não atenda pessoas negras, e essa não presença já diz de algo, diz de um lugar e de uma estrutura, E assim sendo, como vimos é importante e necessário entender que a constituição nacional é pautada e atravessada pelo racismo. E para além desse entendimento, também reconhecer que somente pontuar que estes processos como algo estrutural, e não agir diante disto, não é o suficiente, é preciso comprometimento e responsabilidade tanto individual quanto coletiva.

A Gestalt por si só, -e qualquer outra abordagem- parece não dar conta da multiplicidade existencial encontrada em solo nacional, esta que com já dito é cunhada por uma historicidade complexa e que se atualiza em novas formas de propagar desigualdades, exclusões e mortes. Uma perspectiva a talvez se adotar pensando o todo discutido, é retornar a ideia da revolução, esse caráter revolucionário pelo qual a Gestalt surge, ser convocada novamente, e revolucioná-la, admitindo os racismos que acontecem no *entre* do trabalho psicoterapêutico (SENA, 2021), nas percepções universalistas de humano, nas falas de enxergar somente o humano, na ausência de contato com o outro, nas teorias brancas, etc. É preciso então, expandir essa teoria e assim como pontuam Gouveia e Zanello (2018, p.13) deixar de fazer uma “psicologia colonizada”, está definida como um fazer que não se olha para os efeitos do racismo, e que considera o humano dentro dos parâmetros da norma e naturalização, ou seja, o humano branco.

A Gestalt-terapia em toda a sua extensão teórica, aqui não totalmente contemplada, funciona como um campo de possibilidades existenciais para essa população negra. Mas, pelo o aqui visto, ela funciona a partir daqueles que conseguem ter um olhar para o amplo, e ainda assim, muito se escapa, seja por uma fala complicada durante um atendimento, seja pela ausência desses clientes negros no consultório. Diante disso, fica claro a importância de se ter um estudo múltiplo de construção das próprias teorias que olhem para essas pessoas. Outra forma de pensar a inclusão se dá também no próprio compromisso dos institutos de formação com este assunto, melhor dizendo dentro de um paralelo, às políticas de cotas existem por um motivo, o que faz com que nesses institutos esse tipo de compromisso também não sejam adotadas? O acesso de alunos negros a esses espaços também é uma forma de romper com este silêncio, com este segredo, então o que falta para que isto aconteça?

Este trabalho que teve como objetivo geral investigar acerca de como a clínica gestáltica pode ser campo de possibilidades para pessoas negras, teve de maneira geral seu objetivo

atendido de maneira satisfatória, considerando todo o caminho que o trabalho percorreu. Não pretendemos dar respostas prontas ou fixas, mas sim investigar e tentar compreender os processos envolvidos nesta temática, e isso aconteceu, tanto a partir das teorias estudadas, quanto a partir da análise das entrevistas. E assim sendo, considera-se um resultado satisfatório, ao mesmo tempo que reconhecemos esse trabalho como uma perspectiva de uma discussão inicial para um estudo maior futuro.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.

_____. A Gestalt-Terapia na Fronteira: Alteridade e Reconhecimento como Cuidado. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. spe, p. 880-895, dez. 2019.

ALMEIDA, Silvio L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais).

ANDRADE, C. Autossuporte e heterossuporte .In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 147-162.

ANDRADE, C; HOLANDA, A. **Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica**. Estudos de Psicologia. Campinas, 2010. p. 259-268.

ANDRADE, C; HOLANDA, A. **Sentidos da psicoterapia: teoria e prática da Gestalt-Terapia**. Curitiba, PR: Juruá. 2019.

ARRELIAS, L. Reflexões da clínica gestáltica sobre relações raciais. In: NASCIMENTO, L. C. S; VALE, K. S. (Org). **Sentidos em Gestalt-Terapia: novas vozes, outros olhares**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. p. 93-109.

ARRELIAS, L. Racismo: Gestalt aberta que mantém ausências. *In: Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (Org). **Vozes em Letras: Olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia***. Curitiba, 2020. p. 119-138.

BELMINO, M. C. B. **Gestalt-terapia e experiência de campo: dos fundamentos à prática clínica**. 1ª ed. Jundiaí [SP]: Paco, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Editora brasiliense, 1987.

BONI, V; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. 2005.

CARDELLA, B. H. P. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 104-130

CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 59-75.

_____. Apontamentos sobre a fenomenologia aplicada à psicoterapia. In: GIOVANETTI, J. P. et al. **Fenomenologia e psicoterapia**. Belo Horizonte: FEAD, 2014, p. 35-51.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CIORNAI, Selma. Atendendo em GEstalt-Terapia. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Situações clínicas em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2019, p.9-21.

D'ACRI, G. C. M. R. M. Contato: funções, fases e ciclo de contato. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014, p. 31-46.

DUTRA, E. Afinal, o que significa o social nas práticas clínicas fenomenológico- existenciais?. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, 2008.

FRAZÃO, L. M. Psicologia da Gestalt. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 99-113.

FRAZÃO, L. Um pouco da história...um pouco dos bastidores. In: FRAZÃO, L; FUKUMITSU, K. O. (Org). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 5-11.

GIORGI, A; SOUSA, D. Método fenomenológico de investigação em psicologia. Fim de século edições, 2010.

GIOVANETTI, J. P. Fenomenologia e prática clínica. In:_____. **Fenomenologia e Psicoterapia**. Belo Horizonte: FEAD, 2014, p. 11-32.

HOLANDA, A. **Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica**. Análise psicológica. 2006.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1995.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio De Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Tráfico Atlântico, Escravidão e Resistência no Brasil. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, São Paulo, ano 10, n. 19, ago 2017.

LIMA, P. V. A. A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 145-156.

LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 1, p. 75-82, 2010.

MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013, p. 76-98.

MUNANGA, K. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, n.13, 2010, p. 169-203.

_____. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, p. 20-31, 2015.

MOURA, M. L.S; FERREIRA, M. C. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, G. **Relações raciais e a Gestalt-terapia: Contraste no Olhar** (Monografia de Conclusão de Curso). Instituto Gestalt de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2008.

PERLS, F. S. Ego, fome e agressão. São Paulo: Summus, 2002.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. 8 ed. São Paulo: Summus, 2012.

_____. **O ciclo do contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 8 ed. São Paulo: Summus, 2019.

_____. **Vade-Mécum de Gestalt-Terapia: conceitos básicos**. São Paulo, Summus, 2006.

RODRIGUES, H. E. Relação entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt terapia. In: FRAZÃO, L. M; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 114 - 144.

SCHUCMAN, L. V.; MARTINS, H. V. Psicologia e o Discurso Racial sobre o Negro: do “Objeto da Ciência” ao Sujeito Político. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 37, 2017. p. 172-185. 2017.

SENA, G. M. Relações étnico-raciais na formação de um gestalt-terapeuta: e a periferia emerge ao centro. In: BOCCARDI, D. O. (Org.). **Gestalt-terapia e sociedade**. 1. ed. São Paulo: LiberArs, 2021. p. 165-199.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

_____. A construção do mito da brasilidade. In: _____. (org). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 29-39.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, G. **Relações raciais e a Gestalt-terapia:** contraste no olhar (Monografia de Conclusão de Curso). Instituto Gestalt de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2008.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal**, v.31, n.spe, p. 244-248. 2019.

YONTEF, G. M. **Processo, Diálogo e Awareness:** Ensaios em Gestalt-Terapia. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998.

Anexo A - Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RELAÇÕES RACIAIS E GESTALT-TERAPIA: A CLÍNICA GESTÁLTICA COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES PARA PESSOAS NEGRAS

Pesquisador: Priscilla Melo Ribeiro de Lima

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52578121.6.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.141.325

Apresentação do Projeto:

Os pesquisadores apontam que o racismo é um problema que está presente de maneira geral em toda sociedade e é o responsável por perpetuar processos de exclusão, violência e apagamento desse grupo de pessoas. A realidade brasileira é atravessada por esse sistema de construção, formação da sociedade e cultura, estruturada e sustentada a partir do racismo. A partir de Almeida (2020), compreendem que o racismo é uma norma de funcionamento social que é aceita pela sociedade brasileira, sendo reproduzida de inúmeras formas, muitas vezes de maneiras intrínsecas à sociedade. E por isso, é importante as ações tanto de cunho institucional, quanto individual para se pensar mudanças políticas e sociais de combate ao racismo e de reestruturação social.

Assim sendo, tendo em vista que essa é uma realidade estrutural e estruturante, essa questão também perpassa a Psicologia, seus campos de saberes e suas atuações. A Gestalt-Terapia, pensada como uma teoria e uma técnica psicoterápica, se enquadra nessa estrutura.

Em se tratando da clínica psicológica e considerando que a Psicologia é, historicamente, um espaço branco, com maioria de psicólogos brancos e atuações pautadas em teorias brancas, é importante questionar como a questão do racismo está presente nessa teoria também. É necessário que se busque uma Psicologia e uma Gestalt-Terapia que rompa com essa estrutura, questione sua própria posição, e acolha esse outro que carrega marcas da diferença e da exclusão desde antes do seu nascimento.

Veiga (2019, p. 248) questiona: "Como tratar dos efeitos do racismo na subjetividade negra numa

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.141.325

relação terapêutica em que a marca do terapeuta, ser branco, é o que legitima as violências ao ser preto do paciente?". Ou seja, como estar em uma relação terapêutica com uma pessoa que representa, de alguma forma, o lugar da opressão que oprime e violenta de inúmeras maneiras e em diversos aspectos as pessoas negras?

A Gestalt-Terapia acredita em uma visão de homem como um ser de potencialidades e possibilidades, que está sempre em relação. Assim sendo, considerando essa realidade da população negra que é atravessada pelo racismo e suas diversas formas de violência e considerando o fazer clínico, os pesquisadores se perguntam como a Gestalt-terapia pode ser campo de possibilidades para pessoas negras a partir da interação entre os estudos sobre as relações raciais e as produções e atuação da Gestalt-Terapia. Percebem a importância em trabalhar a interseção no que se refere ao atendimento de pessoas negras no âmbito da clínica psicológica. Para isso, o trabalho desenvolvido se faz relevante tanto socialmente, quanto academicamente.

Consideram que os benefícios desse tema atravessam a formação de psicólogos, que poderão não só olhar para os questionamentos de maneira mais crítica, como realizarem sua clínica de maneira a não reforçar os preconceitos e assim caminharem verdadeiramente junto aos seus clientes negros. Assim, a pesquisa almeja construir também uma possibilidade de prevenção no que diz respeito à tentativa de refletir acerca de um futuro no qual não se repita o contexto atual.

Hipótese: A pergunta de pesquisa é: como a clínica gestáltica pode ser campo de possibilidades para pessoas negras?

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

-Investigar como a clínica gestáltica pode ser campo de possibilidades para pessoas negras.

Objetivos Secundários:

- Aprofundar na compreensão das questões raciais e do racismo estrutural a partir de autores negros, como também de autores da Gestalt-terapia e da Teoria de Campo;
- Investigar como se estabelece o vínculo e a relação na clínica sob a perspectiva da Gestaltterapia;
- Investigar e discutir as possibilidades da relação interracial dentro da clínica gestáltica.
- Compreender como se dá a dinâmica clínica e seus atravessamentos pensando as questões raciais.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.141.325

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

Por serem potenciais mobilizadores, essa pesquisa poderá ter exposição a alguns riscos mínimos. Os participantes poderão entrar em contato com algum cansaço físico por conta da entrevista. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida com uma pausa, se demandado pelos participantes, a fim de minimizar o cansaço do momento. Durante a execução da entrevista, alguns assuntos tocados poderão mobilizar os participantes emocionalmente/psicologicamente. Para assegurar o mínimo impacto negativo possível no bem-estar dos participantes, em caso necessário, a entrevista será interrompida e eles serão acolhidos imediatamente pela pesquisadora, a entrevista poderá ser encerrada e em caso de ser solicitado o participante será encaminhado para atendimento psicológico.

Benefícios:

Estão ligados à oportunidade de encontrar nesse espaço um amadurecimento, elaboração e construção de conhecimento e crescimento tanto pessoal, quanto profissional. Além também, de ser um momento no qual o participante poderá falar livremente acerca dos seus posicionamentos e questões acerca do tema proposto, sem sofrer julgamentos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Metodologia

A pesquisa será de cunho qualitativo-fenomenológico.

Considerando os objetivos da pesquisa, entrevistarão quatro participantes, sendo dois psicólogos/as e dois clientes.

Os participantes serão escolhidos por meio de amostragem não probabilística de caráter intencional.

O convite para a participação da pesquisa será feito para pessoas sugeridas pela pesquisadora responsável por indicação de colegas que trabalhem com a Gestalt. Caso não haja voluntários dentre essas pessoas, entrarão em contato com as escolas de formação em Gestalt para a divulgação do convite para a pesquisa. O convite será feito pessoalmente, via telefone ou mensagem de texto. Após o aceite, a aluna entrará em contato com os/as participantes para marcar a entrevista.

Em um primeiro momento as pessoas escolhidas para as entrevistas serão contatadas via telefone ou mensagem de texto, para apresentação do tema da pesquisa, seus objetivos e método, além de

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.141.325

esclarecimentos de dúvidas. Por fim, verificarão o interesse em participar da pesquisa.

Em caso positivo, enviarão por correio eletrônico (email) uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), e solicitarão que o participante leia e preencha o termo, escaneie (ou fotografe) e reenvie para a pesquisadora. Caso o participante tenha ainda alguma dúvida, essas serão sanadas antes do aceite e da assinatura.

Após o recebimento do TCLE assinado, a pesquisadora também assinará o termo, e reenviará, para o participante, o TCLE escaneado com as assinaturas de todas as partes.

As entrevistas serão semiestruturadas com algumas perguntas fechadas, deixando espaço para o participante falar abertamente. Além disso, nesse formato de entrevista, a pesquisadora também tem espaço para fazer perguntas que não estavam programadas, guiar o entrevistado novamente para o tema, ter a possibilidade de um tempo maior de entrevista, e possibilita ter uma troca mais espontâneas com os participantes.

As entrevistas serão realizadas virtualmente e terão duração de 60 min, mas esse tempo poderá ser estendido ou reduzido de acordo com a necessidade da entrevista. Em caso de alguma intercorrência, como atraso do participante e ou dificuldade em estabelecer conexão, poderão realizar uma segunda sessão de entrevista para que a entrevista seja concluída. As entrevistas serão realizadas por meio de plataforma a ser combinada individualmente com cada participante, tendo as opções do Zoom, Google Meet, Skype ou videochamada.

As entrevistas serão gravadas, por meio da própria plataforma, caso os participantes consentam.

Critérios de Inclusão:

- Idade acima de 18 anos
- Ser psicólogo que atue em consultório clínico há pelo menos um ano pela perspectiva da Gestalt-Terapia, sendo um que se autodeclare branco, e um que se declare preto/negro/pardo.
- Ser cliente em processo psicoterapêutico, há no mínimo um ano, sob a perspectiva da Gestalt-Terapia, que se autodeclare negro/preto/pardo.

Critérios de Exclusão:

- Ser psicólogo/a que atue em consultório clínico há menos um ano pela perspectiva da Gestalt-Terapia;
- Ser psicólogo/a que não atue pela Gestalt-terapia ou que não atue em consultório clínico.
- Ser cliente em processo psicoterapêutico há menos de um ano
- Ser cliente em processo psicoterapêutico sob outra perspectiva psicoterápica.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.141.325

Análise de Dados:

Após as transcrições das entrevistas, seguirão os quatro passos, propostos por Giorgi e Sousa (2010) para análise do material.

As etapas são: 1ª) Estabelecer o sentido geral da narrativa do participante; 2ª) Determinação das partes – divisão das unidades de significado; 3ª) Transformação das unidades de significado em expressão de caráter psicológico; e 4ª) Determinação da estrutura geral de significados psicológicos.

A primeira etapa busca alcançar o sentido geral do que foi narrado pelo entrevistado a partir da leitura da transcrição. Na segunda etapa irão reler o texto da transcrição identificando pequenas unidades de significado, entendendo que tais unidades não estarão dadas no texto, mas sim serão construídas a partir dos sentidos encontrados em relação ao fenômeno, além de não fazer alteração da linguagem do participante. A terceira etapa é o momento em que é identificado o insight psicológico, e o objetivo do pesquisador é a transformação da linguagem do participante em uma linguagem psicológica em relação ao fenômeno investigado. E na quarta e última etapa é realizada uma síntese das unidades significativas de maneira consistente com o que foi significado pelo participante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão apresentados os seguintes termos obrigatórios:

- Folha de Rosto assinada - Faculdade de Educação/UFG
- Termo de Compromisso dos pesquisadores
- Instrumento de coleta de dados - Roteiro entrevista
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Cronograma inserido no projeto
- Projeto detalhado

Recomendações:

- Rever critérios de exclusão, pois eles não são o oposto dos critérios de inclusão. Os critérios de exclusão são estabelecidos pelo pesquisador, constituindo-se de características que impedem a participação das pessoas na pesquisa. Por vezes é possível retirar algum dos critérios de inclusão e o colocar como critério de exclusão.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.141.325

- Não há pendências, mas recomenda-se que a pesquisadora reveja os Critérios de Elegibilidade utilizados no estudo e os apresente no Relatório Final ao Comitê de Ética.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para maio de 2022.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1839568.pdf	16/11/2021 15:41:41		Aceito
Outros	Carta_de_Encaminhamento_Bruna.pdf	16/11/2021 15:41:24	Priscilla Melo Ribeiro de Lima	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Bruna.pdf	15/10/2021 07:52:23	Priscilla Melo Ribeiro de Lima	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Bruna_assinada.pdf	13/10/2021 09:21:19	Priscilla Melo Ribeiro de Lima	Aceito
Outros	Instrumento_coleta_Bruna.pdf	13/10/2021 07:47:47	Priscilla Melo Ribeiro de Lima	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_Bruna.pdf	13/10/2021 07:46:59	Priscilla Melo Ribeiro de Lima	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Bruna_Projeto.pdf	07/10/2021 10:50:06	Priscilla Melo Ribeiro de Lima	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.141.325

GOIANIA, 02 de Dezembro de 2021

Assinado por:
Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



ANEXO 2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “Relações Raciais e Gestalt-Terapia: Como a clínica Gestáltica pode ser campo de possibilidades para pessoas negras?”. Meu nome é Bruna dos Santos, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a psicologia, e estou sob a orientação da profa. Dra. Priscilla Melo Ribeiro de Lima. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail santosbruna@hotmail.com e, através do seguinte contato telefônico: (62) 9 932704-21, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar, além de mensagens via *whatsapp*. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que é a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como a clínica da psicologia, com base na abordagem da Gestalt-Terapia pode ser um lugar em que pessoas negras/pretas/pardas alcancem suas possibilidades de existência. Você será entrevistado por meio online, através da plataforma combinada previamente - Google meet, Zoom ou Skype - e que seja de melhor acesso para você e, para isso, deverá reservar um período de no mínimo 60 minutos para que tenhamos um tempo adicional, em caso de ocorrer algum imprevisto, e tenhamos assim um tempo hábil, para realizarmos a entrevista de maneira esclarecedora.

Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei. Seu nome será substituído por nomes fictícios, criados pela pesquisadora, portanto seu nome real não será divulgado, garantido o sigilo e assegurando assim a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os benefícios de sua participação na pesquisa estão ligados a oportunidade de encontrar nesse espaço um amadurecimento e construção de conhecimento e crescimento tanto pessoal, quanto profissional, no caso dos entrevistados que exerçam a profissão de psicólogos. Além também de ser um momento ao qual poderá falar livremente acerca dos seus posicionamentos e questões acerca do tema proposto, sem sofrer julgamentos. Toda pesquisa oferece um risco aos seus participantes, por serem potenciais mobilizadores, essa pesquisa poderá te expor a alguns riscos mínimos. Você poderá entrar em contato com algum cansaço físico por conta da entrevista. Caso isso ocorra, a entrevista poderá ser interrompida com uma pausa, se demandado pelos participantes, a fim de minimizar o cansaço do momento.

Comitê de Ética em Pesquisa/ CEP

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação/PRPI-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Sala do Piso 1, Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215. E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



Durante a execução da entrevista, alguns assuntos poderão te mobilizar emocionalmente e/ou psicologicamente. Para assegurar o mínimo impacto negativo possível no seu bem-estar, caso necessário, a entrevista será interrompida e você será acolhido imediatamente pela pesquisadora, a entrevista poderá ser encerrada e em caso de ser solicitado você será encaminhado para atendimento psicológico. Embora existam esses riscos mínimos, a pesquisa está comprometida com os benefícios aos quais sua participação poderá oferecer.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização da gravação da tela da plataforma a ser utilizada, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a gravação da entrevista.
() Não permito a gravação da entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Autorizo o uso de minha voz em publicações.
() Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

- () Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.
() Não Permito a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

Comitê de Ética em Pesquisa/ CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “Relações Raciais e Gestalt-Terapia: Como a clínica Gestáltica pode ser campo de possibilidades para pessoas negras?”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável Bruna dos Santos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Comitê de Ética em Pesquisa/ CEP

Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação/PRPI-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Sala do Piso 1, Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215. E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com